



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE JORNALISMO

**ESTRATÉGIAS JORNALÍSTICAS ACIONADAS PELOS JORNAIS A HORA DO
VALE E O INFORMATIVO DO VALE NO PROCESSO DE NOTICIABILIDADE DO
ACIDENTE AÉREO ENVOLVENDO A EQUIPE DA CHAPECOENSE EM
NOVEMBRO DE 2016**

Fernanda Kochhann

Lajeado, novembro de 2017

Fernanda Kochhann

**ESTRATÉGIAS JORNALÍSTICAS ACIONADAS PELOS JORNAIS A HORA DO
VALE E O INFORMATIVO DO VALE NO PROCESSO DE NOTICIABILIDADE DO
ACIDENTE AÉREO ENVOLVENDO A EQUIPE DA CHAPECOENSE EM
NOVEMBRO DE 2016**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Micael Vier Behs

Lajeado, novembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, Vera e Volnei, por todo incentivo e apoio durante esta caminhada acadêmica e pela compreensão nos momentos em que estive ausente. A vocês todo meu amor e minha gratidão.

Aos professores que me acompanharam durante esse ciclo e, em especial, ao meu orientador Micael Vier Behs pela paciência, pelos conselhos e por todas as orientações.

Aos meus colegas de faculdade por tantos momentos compartilhados, tantas angústias e alegrias divididas. De forma especial, à Bruna Becker e à Paloma Driemeyer Valandro, com as quais construí uma amizade para vida toda.

Aos repórteres Helena Baségio, do jornal O Informativo, e Rodrigo Martini, do jornal A Hora do Vale, pelas entrevistas concedidas, pela disponibilidade e pela atenção dispensada à mim.

Aos meus amigos, aqueles que estão sempre por perto independentemente da distância. Agradeço por todo carinho e compreensão.

Por fim, a Deus, princípio de tudo, por colocar pessoas tão maravilhosas em meu caminho.

“Na passagem do acontecimento para a notícia, a primeira diferenciação que faço é que o acontecimento é um fenômeno de percepção do sistema, enquanto que a notícia é um fenômeno de geração do sistema”.

(ALSINA, 2009)

RESUMO

Em novembro de 2016 ocorreu a maior tragédia aérea da história envolvendo uma equipe de futebol: a queda do avião que levava a Chapecoense a Medellín para disputar o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana. Esse fato repercutiu em todo o mundo, despertando interesse público. Porém, não foram apenas os grandes veículos de comunicação que dedicaram esforços para noticiar o acontecimento, o qual também repercutiu nos pequenos difusores de informação, como os jornais A Hora do Vale e O Informativo do Vale, sediados no município de Lajeado. Dessa forma, este trabalho visa analisar, comparativamente, as coberturas jornalísticas realizadas por dois jornais do interior do Rio Grande do Sul. O estudo é qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, tendo a coleta de dados baseada na pesquisa bibliográfica e documental e em entrevistas com os repórteres dos referidos jornais. A análise ocorre a partir de um estudo comparativo com a finalidade de identificar as estratégias acionadas por cada periódico a fim de narrar a tragédia. Para tanto, foram analisadas questões pertinentes ao uso de fontes, as imagens que ilustram o fato, os recursos gráficos mobilizados nos jornais, o envio de correspondentes para cobertura in loco e a utilização da curadoria de informações, além de verificar as aproximações e as defasagens de cada cobertura, considerando as limitações geográficas, financeiras e institucionais dos veículos analisados.

Palavras-chave: Chapecoense. Acidente aéreo. Cobertura jornalística.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Infográfico publicado na edição de 03 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	58
Figura 2 - Infográfico publicado na edição de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale.....	59
Figura 3 - Capa do jornal A Hora do Vale do dia 30 de novembro de 2016	61
Figura 4 - Capa do jornal A Hora do Vale do dia 03 de dezembro de 2016	62
Figura 5 - Capa do jornal A Hora do Vale do dia 06 de dezembro de 2016	63
Figura 6 - Capa do jornal O Informativo do Vale do dia 30 de novembro de 2016....	64
Figura 7 - Capa do jornal O Informativo do Vale do dia 02 de dezembro de 2016....	65
Figura 8 - Capa do jornal O Informativo do Vale do dia 05 de dezembro de 2016....	66
Figura 9 - Fotografia da capa de 30 de novembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	72
Figura 10 - Fotografia produzida para reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	73
Figura 11 - Fotografia de divulgação da reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	74
Figura 12 - Fotografia de divulgação da matéria de 1º de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	75
Figura 13 - Fotografia da capa de 03 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	76
Figura 14 - Fotografia da reportagem de 03 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	77

Figura 15 - Fotografia do repórter Ricardo Sander na Arena Condá, reportagem de 03 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale.....	78
Figura 16 - Fotografia da capa de 06 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	79
Figura 17 - Fotografia nº 1 da reportagem de 06 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	80
Figura 18 - Fotografia nº 2 da reportagem de 06 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	81
Figura 19 - Fotografia nº 3 da reportagem de 06 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale	82
Figura 20 - Fotografia da capa de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale	83
Figura 21 - Fotografia nº 1 da reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale.....	84
Figura 22 - Fotografia nº 2 da reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale.....	86
Figura 23 - Fotografia nº 3 da reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale.....	87
Figura 24 - Fotografia da nota publicada em 1º de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale.....	88
Figura 25 - Fotografia da reportagem de 1º de dezembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale.....	89
Figura 26 - Fotografia da reportagem de 02 de dezembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale.....	90
Figura 27 - Fotografia da nota publicada em 03 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale.....	91
Figura 28 - Fotografia da capa de 05 de dezembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale	92
Figura 29 - Fotografia da reportagem de 05 de dezembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale.....	93
Figura 30 - Fotografia da nota publicada em 06 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale.....	94
Figura 31 - Fotografia da nota publicada em 07 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale.....	94

Figura 32 - Fotografia da nota publicada em 08 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale.....	95
Figura 33 - Fotografia da nota publicada em 09 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale.....	96
Figura 34 - Fotografia da nota publicada em 10 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparações gerais entre as coberturas jornalísticas.....	56
Quadro 2 - Comparações entre a cobertura in loco e a cobertura à distância	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 Lógicas produtivas.....	15
2.1.1 Gatekeeper e Newsmaking	18
2.1.2 Critérios de noticiabilidade	21
2.1.3 A curadoria como forma de seleção.....	26
2.2 A construção do acontecimento	29
2.2.1 O papel da imagem na construção da notícia	36
2.2.2 Fontes jornalísticas.....	43
3 CONTEXTUALIZAÇÃO	48
3.1 Vale do Taquari no RS	48
3.1.1 Jornal A Hora do Vale	49
3.1.2 Jornal O Informativo do Vale.....	49
4 MÉTODO.....	51

	10
5 ANÁLISE.....	56
5.1 Análise em relação às fontes	68
5.2 Análise em relação às imagens	72
5.3 Análise quanto às estratégias de cobertura	98
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS... ..	110
ANEXO A - Entrevista com o repórter Rodrigo Martini do jornal A Hora do Vale	111
ANEXO B - Entrevista com a repórter Helena Baségio do jornal O Informativo do Vale.....	115

1 INTRODUÇÃO

Na madrugada do dia 29 de novembro de 2016 a aeronave CP-2933 da empresa venezuelana LaMia, que transportava 77 passageiros, entre eles jogadores, dirigentes e funcionários da Associação Chapecoense de Futebol, jornalistas de diversos veículos de comunicação e tripulantes, caiu em uma região montanhosa e de difícil acesso na Colômbia, pouco antes de chegar a seu destino: Medellín.

A equipe da Chapecoense estava prestes a disputar, pela primeira vez, um título internacional. O primeiro jogo da decisão da Copa Sul-Americana seria realizado na quinta-feira, dia 1º de dezembro, contra o time do Atlético Nacional de Medellín. Porém, o jogo nunca aconteceu. A equipe catarinense foi declarada campeã, mas o torcedor não teve o que comemorar.

Foram 71 vítimas fatais: vinte jornalistas brasileiros, nove dirigentes, incluindo Sandro Luiz Pallaoro, presidente do clube, quatorze membros da comissão técnica, dezenove jogadores, sete tripulantes e dois convidados, entre eles Delfim Pádua Peixoto Filho, presidente da Federação Catarinense de Futebol. Pela quantidade de vítimas, essa tragédia foi considerada a maior da história mundial envolvendo uma delegação esportiva, além da mais expressiva fatalidade ocorrida no jornalismo brasileiro.

Outras tragédias semelhantes já haviam sido registradas ao redor do mundo, porém com outras proporções. Em 1949, o avião que transportava a equipe do

Torino, campeã italiana naquele ano, caiu na colina de Superga e pegou fogo, carbonizando todos os passageiros. Já em fevereiro de 1958, oito jogadores da equipe do Manchester United, da Inglaterra, morreram devido a um problema na decolagem do avião que resultou em um acidente na cidade de Munique. Em 1993, a seleção da Zâmbia se deslocava até Dacar, no Senegal, onde disputaria um jogo pelas eliminatórias da Copa do Mundo, quando o avião explodiu, vitimando 18 jogadores, três dirigentes e cinco militares da tripulação.

Todavia, talvez a tragédia mais impactante envolvendo delegações esportivas tenha ocorrido em 1972, quando um avião que levava jogadores de *rugby*, de Montevideu, caiu na Cordilheira dos Andes. Os sobreviventes desse acidente aguardaram por cerca de 70 dias pela chegada do socorro e quando já não tinham mais nenhum suprimento, recorreram ao canibalismo para sobreviver, alimentando-se da carne dos passageiros mortos que havia sido preservada pela neve. Em 1993, o cineasta Frank Marshall retratou a comovente história da equipe uruguaia ao lançar o filme “Vivos”, baseado no livro “*Alive: The Story of the Andes Survivors*”, de autoria de Piers Paul Read.

No dicionário a palavra tragédia é explicada como infortúnio, desgraça, situação difícil e repentina, ou ainda, problema humano de natureza grave. Infelizmente, situações trágicas ocorrem todos os dias, a cada momento, no mundo todo e são responsáveis por grande parte das reportagens veiculadas nos noticiários diariamente.

Assim como em todos os veículos de comunicação do país e outros tantos do mundo inteiro, em Lajeado, no interior do Rio Grande do Sul, os dois principais veículos de comunicação impressa da cidade, os jornais A Hora do Vale e O Informativo do Vale, também dedicaram ampla cobertura à tragédia envolvendo a equipe da Chapecoense.

Partindo dos aspectos apontados até o momento, este trabalho buscou investigar as estratégias acionadas pelos jornais locais no que diz respeito ao processo de noticiabilidade do acidente aéreo envolvendo a equipe da Chapecoense em novembro de 2016. Ao longo de dez dias após a fatalidade, os periódicos acima

citados divulgaram, cada um à sua maneira, os desdobramentos da tragédia. Nesse período foram publicados em torno de 20 textos, entre reportagens e notas, e mais de 30 imagens, além das diversas chamadas nas capas dos jornais.

Neste sentido, o trabalho busca identificar e analisar as coincidências e as defasagens na produção de sentido em torno do caso noticiado pelos dois jornais e investigar a operacionalização do processo de humanização do caso de Chapecó. Assim, a monografia visa compreender de que forma as imagens, as fontes e o trabalho dos repórteres contribuíram para a construção de sentido, comparando as informações disseminadas por cada um dos veículos de comunicação.

Para dar conta dos objetivos citados, o estudo foi dividido em cinco capítulos. Na Introdução, são apresentados o tema, a problemática, os objetivos e a justificativa desta pesquisa. O primeiro capítulo situa o leitor sobre os acontecimentos que originaram a pesquisa, bem como os motivos pelos quais ela se faz relevante.

O segundo capítulo é destinado ao referencial teórico. Nele são apresentados os principais aportes teóricos que concedem legitimidade à pesquisa, compreendendo as seguintes temáticas: as lógicas produtivas no jornalismo, as teorias do Gatekeeper e do Newsmaking, os critérios de noticiabilidade, a construção do acontecimento midiático e a importância das fontes e das imagens na produção de sentido das narrativas jornalísticas.

A terceira parte do estudo refere-se à descrição dos elementos de análise e tem como objetivos identificar e apresentar ao leitor os dois meios de comunicação que serão analisados, principalmente no que diz respeito ao contexto em que estão inseridos, características, veiculação e alcance.

A metodologia de pesquisa está descrita no quarto capítulo, intitulado “Método”, e pretende explicar os procedimentos necessários para a execução do estudo, como a maneira pela qual os dados foram coletados, a amostra, o tipo da pesquisa e o tratamento dado às informações obtidas.

Por fim, no quinto capítulo, chamado de “Análise”, comparo e analiso os dados coletados junto às versões impressas veiculadas pelos dois meios de comunicação e descrevo os resultados obtidos a fim de fundamentar a conclusão resultante deste estudo.

A relevância deste trabalho está na identificação dos esforços mobilizados por jornais do interior a fim de prover uma cobertura de alta qualidade de um fato que repercutiu internacionalmente, levando em conta questões financeiras e de distância.

Sempre gostei de esportes e em especial do futebol. Em parte, o culpado é meu pai que, por muitos anos, dedicou-se a gerir clubes do interior e ainda hoje atua como organizador de eventos esportivos, ligados principalmente ao futebol. Além disso, durante os primeiros anos de veiculação do jornal A Hora do Vale, ainda no município de Santa Clara do Sul, ele também atuou como colunista esportivo, evidenciando as principais competições da região, o que me aproximou do meio jornalístico.

Tais fatos vivenciados ao longo de toda minha infância e adolescência contribuíram de forma significativa nas escolhas que fiz até aqui. Já havia decidido que a temática do meu trabalho de conclusão estaria ligada à área esportiva, porém nos dias seguintes à tragédia com a equipe da Chapecoense fui percebendo a imensa repercussão sobre o acontecimento. Jornais de cidades pequenas noticiavam o desastre assim como as grandes agências de comunicação e concluí que isso deveria ser estudado.

Neste contexto, a pesquisa visa também contribuir com o jornalismo local, evidenciando as estratégias usadas para construção da notícia através de uma análise comparativa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo são apresentados os principais conceitos sobre as lógicas produtivas, com destaque para *gatekeeper* e *newsmaking*, critérios de noticiabilidade e a curadoria como forma de seleção. Também é abordada a construção do acontecimento, descrevendo-se o papel da imagem e das fontes jornalísticas nesse processo.

2.1 Lógicas produtivas

As lógicas produtivas tratam dos processos pelos quais as informações passam até chegarem ao receptor. As estratégias de construção da notícia são parte fundamental desse processo, pois ali são definidos critérios que vão estimular a atenção do leitor/ouvinte/telespectador. O acontecimento estudado neste trabalho não impactou apenas a vida e o cotidiano das famílias atingidas, mas influenciou também as rotinas produtivas dos jornais.

A respeito disso, Neveu (2006) considera que especialmente os acidentes exercem uma ruptura na rotina de produção midiática. Ainda que não haja uma padronização de ações diárias na função do repórter – uma vez que todos os dias há novas histórias, em lugares distintos – um acontecimento imprevisível altera completamente o cronograma de atividades elaborado na reunião de pauta.

A maioria dos acontecimentos relatados pelos jornalistas são rotineiros, previsíveis [...]. A vida social é constituída de uma sequência de datas que torna previsível o retorno cíclico de fatos desse tipo: cotações cotidianas na Bolsa, competições esportivas no fim de semana, Conselho de ministros que se reúne toda quarta-feira, retomada dos trabalhos dos parlamentares, coleções de moda a cada estação do ano (NEVEU, 2006, p. 89).

O processo informativo é constituído de diversas etapas que variam conforme a organização de cada veículo. Porém, algumas fases são semelhantes em todos os meios. Pesquisadores como Wolf (1999) e Erbolato (2006) assinalam as seguintes etapas: recolhimento (fontes, agências de notícias e agenda de serviços), seleção e apresentação do tema. Já, Ward (2006), acrescenta mais dois itens nessa lista: o da identificação no início do processo e o da ordenação antes da apresentação. O que fica evidente é que tais práticas confirmam, segundo Sousa (1999), a premissa de que essas rotinas são respostas práticas às necessidades das organizações noticiosas dos jornalistas.

O recolhimento constitui a etapa na qual os dados são coletados e de onde poderão surgir as notícias. Na maioria das vezes, esse material é produzido em outro local, de modo que na redação o conteúdo é apenas organizado e remodelado a fim de se encaixar ao formato e ao meio de comunicação que veiculará as notícias.

De acordo com Wolf (1999, p. 220), “a fase de recolhimento dos materiais noticiáveis é influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias”. Para isso privilegiam-se fontes institucionais e agências que, teoricamente, são detentoras das informações oficiais e de qualidade, o que se torna um fator determinante na produção dos meios de comunicação. Além dos tipos de fontes já citadas, há ainda as fontes estáveis, provisórias, ativas, passivas, centrais, territoriais e de base.

Dentre todas as opções de recolhimento de informações, as grandes agências de imprensa são as que oferecem o maior número de material noticiável, de tal forma que muitas vezes são esses os assuntos escolhidos. No que diz respeito a isso, Wolf (1999, p. 233) salienta que “a cobertura das agências alerta as redações para tudo o que acontece no mundo e é a partir desse conhecimento que as redações constroem sua própria cobertura”.

Muitas redações contam com uma agenda diária de serviços, que é constituída pela lista de acontecimentos que sobreviverão ao longo dos dias e dos quais a continuidade da noticiabilidade é dada como certa. Normalmente são temas associados a questões político-administrativas ou casos específicos de grande repercussão. Essa agenda não é vista com bons olhos pelos jornalistas, pois contradiz a imagem dele próprio (descobridor de fatos noticiáveis) e o torna quase um colecionador de fatos previstos antecipadamente. Em suma, a produção das informações não inicia do zero todos os dias (WOLF, 1999).

Na segunda etapa temos a seleção das informações, que diz respeito à triagem e à organização de todo o material recolhido por repórteres, correspondentes e agências de notícias. Esse material é reduzido a um determinado número que será destinado à veiculação. É necessário que a seleção seja eficiente e essa eficiência envolve a mão de obra, o formato do meio de comunicação e o tempo de produção. Para Erbolato (2002, p. 19) “a primeira tarefa do jornalista é saber o que deve publicar. Cabe-lhe fazer a seleção entre milhares de notícias que chegam à redação”. Para exemplificar essa questão, Wolf (1999, p. 242) usa a seguinte metáfora: “O processo de seleção das notícias pode ser comparado a um funil dentro do qual se colocam inúmeros dados do qual apenas um número restrito consegue ser filtrado”.

As seleções devem obedecer a critérios e hierarquias pré-estabelecidas pelo meio de comunicação. Isso significa dizer que determinados assuntos serão inevitavelmente priorizados em detrimento de outros (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001).

De certa forma, a escolha de determinada informação já é uma forma de pré-seleção, porém, passa despercebida por ser uma maneira de organizar racionalmente o trabalho. As pesquisas sobre os *gatekeepers* e o *newsmaking* se propõem a esclarecer, como veremos adiante, os motivos que fazem as notícias serem como são e os atributos que as qualificam numa vasta gama de opções existentes atualmente.

Como terceira etapa do processo produtivo, temos a apresentação das notícias, na qual recontextualizam-se os fatos dentro de um formato pré-determinado de noticiário ou periódico. Faz-se necessário estruturar narrativamente os fatos noticiados, com linguagem clara e objetiva, para bom entendimento do público.

É neste momento que podem ocorrer grandes distorções, pois muitas vezes a apresentação do fato ao leitor não é transmitida tal e qual realmente ocorreu. Não se está pondo à prova a veracidade do que é veiculado, mas sim a intensidade com que, muitas vezes, o fato é noticiado.

Apesar de todas as pesquisas disponíveis em relação aos hábitos, preferências e composição do público, a apresentação das notícias é subjetiva e elaborada pelo jornalista, muitas vezes, a partir mais de sua própria intuição do que em detrimento aos gostos e desejos das pessoas com quem está a se comunicar (Wolf, 1999).

Mesmo sendo muitos elementos, fatores e causas que compõem cada fase, eles relacionam-se entre si e criam um complexo e emaranhado processo de produção da notícia, que pode inclusive afetar a opinião pública e agendar o debate da sociedade. As lógicas produtivas se fazem necessárias para manter o fluxo de notícias dentro dos curtos prazos que dispõem o jornalista e também para a organização do trabalho.

2.1.1 Gatekeeper e Newsmaking

Ao longo dos anos, inúmeros estudos na área do jornalismo buscaram explicar por que as notícias são como são. Não que haja uma resposta definitiva e unânime a essa questão, mas muitas teorias que surgiram fornecem uma explicação plausível do complexo processo de comunicação. É importante salientar que “as teorias não se excluem mutuamente, ou seja, não são puras ou necessariamente independentes umas das outras” (TRAQUINA, 2012, p. 146). Utilizaremos as teorias expostas a seguir a fim de conceituar o estudo sobre os emissores e também os

processos produtivos dos meios de comunicação, principalmente no que diz respeito à seleção e às formas de produção jornalística.

Para Traquina (2012, p. 150), o termo *gatekeeper* reporta-se àquele que “toma uma decisão, numa sequência de decisões”. Mauro Wolf (1999, p. 150) determina a esse indivíduo o título de selecionador, ou seja, “aquele que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia”.

Neste sentido, o *gatekeeper* tem em suas mãos o poder de filtrar mensagens, decidir o que será publicado, de que forma e quando será. Essa teoria, atrelada à hipótese do agendamento, gerou muitos estudos referentes a um possível controle social que a mídia poderia causar.

De acordo com Traquina (2012), na teoria do *gatekeeper*, o fluxo de notícias, ao longo do processo de produção, deve passar por diversos *gates*, ou portões, sendo que o jornalista será o responsável por escolher se uma notícia vai ou não atravessar essa área de seleção.

No estudo publicado em 1950 por David Manning White, que serviu como base para as afirmativas de Traquina, concluiu-se que “o processo de seleção é subjetivo e arbitrário; as decisões do jornalista eram altamente subjetivas e dependentes de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*” (TRAQUINA, 2012, p. 150). Isso é, não há um manual para seleção das informações. Nesse processo não há padrões determinantes.

Sobre essa mesma ótica, Wolf (1999) afirma que os contextos profissionais, organizativos e burocráticos que circundam o jornalista também exercem influência decisiva nas escolhas feitas pelos *gatekeepers*. O autor cita também as considerações feitas por Elliott (1972) sobre o processo de seleção das informações, no qual três fatores operam significativamente: “o conhecimento prévio que o produtor possuía e os contatos por ele efetuados, a qualidade visual do material disponível e a sua visibilidade durante o período da pesquisa” (WOLF, 1999, p. 243).

Os atuais estudos da área da comunicação sugerem que a imagem que os indivíduos têm sobre a realidade social em que estão inseridos está diretamente ligada à organização e à produção rotineira dos meios de comunicação. Neste sentido, a autonomia profissional e distorções nas informações se fundem.

As exigências organizativas e estruturais e as características técnico-expressivas próprias de cada meio de comunicação de massa são elementos fundamentais para a determinação da reprodução da realidade social fornecida pelos *mass media* (WOLF, 1999, p. 185).

A maneira como os meios de comunicação têm retratado certos fatos segue uma lógica que é própria deles, consequência de fatores como as exigências produtivas, as fontes utilizadas, as imagens que possuem de seus públicos e até mesmo normas oriundas das editorias de cada veículo.

Na ótica de Pena (2008), as decisões dos *gatekeepers* estão mais ligadas aos critérios profissionais, às rotinas de produção e à velocidade das publicações do que à avaliação individual da potencial noticiabilidade de cada informação que chega às redações.

Com o aprofundamento dos estudos acerca dos emissores, a teoria do *newsmaking* ganhou força, pressupondo que as rotinas produtivas determinam por que as notícias são como são.

O pesquisador Muniz Sodré (2009, p. 26) conceitua a teoria o *newsmaking* como a “construção social de uma realidade específica”. Neste contexto, o jornalista é apenas uma parte de um sistema produtivo complexo, que tem como objetivo a narração do fato através de um formato jornalístico com vistas a facilitar o acesso do público às informações e com economia de tempo.

Da cultura profissional dos jornalistas, da organização geral do trabalho e dos processos produtivos, portanto de uma rotina industrial atravessada por uma polifonia discursiva, surgem os relatos de fatos significativos (os acontecimentos) (SODRÉ, 2009, p. 26).

Pena (2008, p. 128) compartilha dessa mesma ideia, quando afirma que “o jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma

suposta realidade”. Portanto, na visão do autor, as notícias que resultam de uma série de processos interligados pelas rotinas produtivas serão os pilares para a construção da realidade social.

Atualmente há uma superabundância de fatos noticiáveis e, sem a organização das rotinas produtivas, torna-se improvável que o jornalista consiga traduzi-los para notícias.

Neste sentido, Pena (2008, p. 129) cita considerações elaboradas pela pesquisadora Gaye Tuchmann a respeito de três vertentes dentro da teoria do *newsmaking*:

Tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável; Elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham a pretensão de dar a cada fato ocorrido um tratamento idiossincrático; Organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada.

As afirmações de Tuchman (*apud* PENA, 2008) indicam que o processo de produção jornalística se assemelha à rotina de uma indústria e que, dentro desse contexto, o jornalista acaba se submetendo às exigências do planejamento produtivo e perdendo parte da autonomia em seu trabalho.

A partir das interligações entre características da organização do trabalho, órgãos de comunicação de massa e elementos da cultura profissional, são definidas as características que os acontecimentos devem possuir para poderem ser transformados em notícias, ou o que Wolf (1999, p. 190) chama de noticiabilidade e define como “o conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos para serem noticiáveis”, como entenderemos melhor a seguir.

2.1.2 Critérios de noticiabilidade

Neste ponto do trabalho identificaremos os critérios usados pelos meios de comunicação para definir o que é ou não noticiável. Esses indicadores podem esclarecer os motivos pelos quais os jornais estudados neste trabalho veicularam

notícias a respeito do acidente aéreo envolvendo a equipe de futebol da Chapecoense.

A clássica afirmação “quando um cachorro morde uma pessoa, isso não é notícia, mas quando uma pessoa morde um cachorro, isso sim é notícia”, de Charles Dana, datada do século XIX, nos provoca reflexões até hoje por escancarar, de uma forma um tanto sarcástica, as questões de classificação das características determinantes entre o que é notícia e o que não é, além de ressaltar que aquilo que é comum é pouco noticiável.

Erbolato (2002, p. 54) vai ao encontro desse pensamento quando dá ao seu leitor o seguinte exemplo: “Um mendigo é visto todos os dias na escadaria da igreja, mal vestido e sujo, a pedir esmolas, e ninguém se importa com ele. Mas se for preso e a polícia descobrir que possui milhões de *cruzeiros* em contas bancárias, logo será notícia”.

Do ponto de vista jornalístico quanto mais improvável for o acontecimento, mais chances ele terá de se tornar notícia, ou como Rodrigues (1997) expressa, quanto mais imprevisível, maior a probabilidade de ser incorporado ao discurso jornalístico.

De acordo com Guerra (2014), o valor-notícia é usado pelo jornalista como um critério de seleção das informações para reconhecer e avaliar se o referido material é noticiável ou não, como um parâmetro externo, pois está diretamente ligado ao interesse do leitor.

Os valores-notícia funcionam, portanto, como idealizações do espectador real, a partir dos quais os jornalistas podem supor qual é o seu interlocutor, esforçando-se para adequar a sua oferta de informações aos interesses presumidos de sua audiência (GUERRA, 2014, p. 43).

Nesse sentido, Sodré (2009, p. 21-22) afirma que:

Na prática, os valores que sustentam a noticiabilidade de um fato [...] podem variar segundo o lugar do fato, do nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas, das circunstâncias da ocorrência, da sua importância pública e da categoria editorial do meio de comunicação.

Em razão disso, somente o valor-notícia de um fato não concede automaticamente um espaço nos veículos de comunicação. Há mais aspectos envolvidos: os critérios de noticiabilidade. Esses critérios permitem que seja atribuído um valor noticioso a determinados assuntos para posterior veiculação (SILVA, M. P., 2014).

Crítérios de noticiabilidade, valores-notícia e até mesmo a seleção de notícias podem muitas vezes ser considerados sinônimos, mas o fato é que a soma desses aspectos no processo produtivo da notícia é que constrói os noticiários de cada dia. Os critérios de noticiabilidade devem ser reconhecidos, segundo Gislene Silva (2014, p. 52), como “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção da notícia”. Os valores-notícias são as características do fato em si, ou podem ser definidos como as qualidades dos eventos.

Não há espaço nos veículos de comunicação para noticiar a infinidade de acontecimentos que ocorrem todos os dias, de forma que são aplicados os critérios de noticiabilidade para verificar os que são “merecedores” de publicação (SILVA, G., 2014).

Segundo Wolf (1999), a noticiabilidade tem em sua constituição um conjunto de elementos que o órgão informativo utiliza para controlar e gerir a quantidade e o tipo de acontecimentos que devem ou podem ser selecionados para transformarem-se em notícia. Dentro dessa noticiabilidade se encontram os valores-notícia e os critérios de relevância para a seleção das informações.

Quanto maior a interligação dos critérios de noticiabilidade, maior a probabilidade do fato se tornar notícia. Porém, é necessário destacar que mesmo que o fato possua todos os itens de noticiabilidade, não obrigatoriamente se tornará a manchete do dia por diversos outros fatores. Nessa perspectiva, Silva (2014, p. 36) afirma que “a complementaridade dos fatores envolvidos é que garantirá a possibilidade de um acontecimento tornar-se ou não notícia”.

Dentro do processo de produção da notícia, o jornalista deverá fazer diversas seleções. Em um primeiro momento, os valores-notícia poderão ser norteadores

dessas escolhas. O saber do reconhecimento, apontado por Traquina (2000), é o que possibilita reconhecer quais acontecimentos possuem valor como notícia. Mas apenas isso, muitas vezes, não é o suficiente, de forma que novos critérios devem ser avaliados e hierarquizados para que sejam escolhidos aqueles com maior importância para o veículo de comunicação (SILVA, G., 2014). Com Wolf (1999, p. 57) explica “valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”.

Ao publicar, em 1954, a obra *Introdução ao Jornalismo*, Frase Bond pode ter citado pela primeira vez alguns dos que, após diversos estudos, foram batizados como os critérios de noticiabilidade. Na época Fraser considerou importantes os seguintes fatores: referente à pessoa de destaque ou personagem público; incomum; referente ao governo; que afeta o bolso; injustiça que provoca indignação; grandes perdas de vida ou bens; consequências universais; que provoca emoção; de interesse de grande número de pessoas; grandes somas; descoberta de qualquer setor; e assassinato (SILVA, G., 2014).

Décadas depois, Mauro Wolf (1999) elenca resumidamente os valores-notícia, baseado em uma distinção inicial feita por Traquina: a morte; a notoriedade; a proximidade; a relevância; a novidade; o tempo (atualidade); a notabilidade; o inesperado; o conflito (ou controvérsia); a infração; e o escândalo; sendo que todos são relacionados a sua importância ou ao interesse que despertam (WOLF, 1999).

Já na visão de Sodré (2009), são oito os critérios que mais se destacam na rotina das redações: a novidade; a imprevisibilidade; o peso social; a proximidade geográfica do fato; a hierarquia social dos envolvidos; a quantidade de pessoas e os locais envolvidos; o provável impacto sobre o público; e as perspectivas de evolução do acontecimento.

Em uma versão mais prática, a Folha de São Paulo elenca seis critérios principais no momento da seleção das informações: ineditismo; improbabilidade; interesse ou número de pessoas afetadas; apelo ou curiosidade; empatia; e proximidade (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001).

Todavia, e acima de tudo, Erbolato (2002, p. 49) afirma que “as notícias devem ser recentes, inéditas, verdadeiras, objetivas e de interesse público”. Entretanto, destaca outros critérios como motivadores de leitura: proximidade; marco geográfico; impacto; proeminência; aventura e conflito; consequências; humor; raridade; progresso; sexo e idade; interesse pessoal; interesse humano; importância; rivalidade; utilidade; política editorial do jornal; oportunidade; dinheiro; expectativa ou suspense; originalidade; culto de heróis; descobertas e invenções; repercussão; e confidências.

De acordo com Fernandes (2014, p. 142), os critérios de noticiabilidade podem ser considerados “atributos que fazem com que determinados fatos rompam a barreira dos *gatekeepers* e sejam selecionados como notícia”. Em uma pesquisa realizada pelo autor com dez pesquisadores da área de comunicação, entre brasileiros, americanos e europeus, foram citados 68 diferentes critérios de noticiabilidade, porém o de proximidade é o único citado unanimemente, o que mostra a força do jornalismo local. Além disso, o autor cita a proximidade não só como um critério noticioso, mas também uma forma que o mercado encontrou para comercialização das notícias:

Em contraponto à emergente cultura e mídia globalizadas, cada vez mais estudiosos e produtores da informação têm se voltado a analisar a proximidade como importante elemento de interesse da notícia e um poderoso nicho de mercado na comunicação (FERNANDES, 2014, p. 140).

Fernandes (2014, p. 147) afirma ainda que a indústria midiática e cultural encontrou na segmentação uma nova estratégia de mercado, sendo que esta segmentação está voltada ao fator “proximidade” para conseguir atender as expectativas de um público cada vez mais exigente. “É o perfil da ‘terceira onda dos meios de comunicação de massa desmassificados’ de que nos fala Toffler”:

O mundo que está emergindo rapidamente do choque de novos valores e tecnologias, novas relações geopolíticas, novos estilos de vida e novos modos de comunicação, exigem ideias e analogias novas, novas classificações e novos conceitos. (TOFFLER, 1980, p. 16).

Para o leitor, o que está próximo a ele é sempre o mais importante, ainda que o fato seja menor do que os acontecimentos no resto do mundo. “Do ponto de vista

do leitor, nada pode ser mais susceptível de interpretação no seu contexto sociocultural do que os fatos locais vivenciados por ele” (FERNANDES, 2014, p. 150).

Neste sentido, Erbolato (2002) alerta que as notícias variam no tempo e no espaço. O que pode ser importante hoje, amanhã pode não ser mais, assim como pode ter relevância para apenas um determinado local. Isso evidencia a importância dos critérios de atualidade e proximidade andarem paralelamente na publicação das notícias.

Considerando todos os critérios relacionados, é notório que o caso estudado neste trabalho se enquadre em muitos deles, como imprevisibilidade, tragédia, impacto, proximidade, quantidade de pessoas envolvidas e morte. Dentre os registros de notabilidade que Rodrigues (1997) cita, destaca-se o da falha, argumentando que esse é o critério responsável por uma imensidão de notícias na rotina dos jornais. A falha (neste caso humana) foi justamente o que ocasionou o acidente envolvendo a equipe da Chapecoense e que, uma vez divulgada, ganhou notoriedade e chegou aos principais veículos de comunicação do mundo.

2.1.3 A curadoria como forma de seleção

Atualmente cada um de nós pode ser um canal de mídia, seja como produtor, criador, compositor, montador, apresentador, remixador, filtrador, selecionador ou simplesmente um difusor de informação; através dos diversos dispositivos disponíveis para os usuários da rede. Nas primeiras horas após o acidente envolvendo a equipe da Chapecoense, muitas mensagens foram repassadas, sendo grande parte delas geradas em plataformas digitais, o que acelerou a disseminação das notícias, mas também causou desencontros de informações.

Levando em consideração a superabundância de dados e o excesso de conteúdos disponíveis na rede sobre os mais variados assuntos, pesquisadores da área comunicacional, bem como os veículos de comunicação, perceberam a necessidade de que algo ou alguém iniciasse um processo de seleção das

informações mais relevantes, de acordo com os interesses de cada público. É nesse contexto que surge a curadoria da informação como recurso para organizar, selecionar e dar sentido ao conteúdo disseminado na *internet*.

Etimologicamente, o termo “curadoria” faz menção ao ato de zelar, cuidar, administrar ou vigiar algo. Entretanto, conforme a área, a curadoria pode assumir diferentes funções, e mais recentemente foi incorporada ao contexto da ambiência virtual. Essa atividade pode ser algorítmica - baseada em *softwares* que agrupam informações repassadas pelos internautas e, a partir disso, selecionam os conteúdos de acordo com as preferências de cada usuário - ou humana, realizando a seleção de conteúdos subjetivamente de acordo com o que consideram relevante para cada público.

De acordo com Amaral (2012), a curadoria da informação pode ser tratada como uma prática cultural da atualidade, impulsionada pelos avanços tecnológicos e acionada por agentes humanos e não-humanos, ou algorítmicos, dentro de um contexto específico que é tensionado pelo público consumidor.

A curadoria humana, aliada à curadoria algorítmica, tem como finalidade agrupar rapidez, eficiência e sensibilidade para a seleção e disseminação das informações dispostas na rede, uma vez que não são programados apenas filtros, por meio de *softwares*. Nesse caso usa-se também a sensibilidade humana no trato das informações. Historicamente, a intervenção humana faz parte da atividade de curadoria e dentro do meio digital essa ação se dá através da seleção, remediação e disseminação do conteúdo jornalístico existente na esfera virtual (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012).

Ainda conforme Corrêa e Bertocchi (2012), é inegável a importância da sensibilidade humana para o exercício da curadoria da informação. Apesar dos sistemas algoritmos ampliarem as possibilidades de filtragem e seleção de dados, deve-se evidenciar a participação significativa do comunicador na “construção coletiva do conhecimento”. Neste sentido, os autores ressaltam que “a ação de curadoria é alavancada pelas ferramentas baseadas em algoritmos, que

funcionariam como parceiros do comunicador” (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 13).

Ao tratarmos a seleção, organização e disseminação do conteúdo digital como uma curadoria da informação, indicamos que tais dados têm importância e valor em nossa sociedade. Citando Weisberger, Ramos (2012, p. 13) salienta as seguintes etapas como integrantes do processo de curadoria:

- 1) Achar: identificar um nicho; agregar
- 2) Selecionar: filtrar; selecionar qualidade / originalidade / relevância
- 3) Editorializar: contextualizar conteúdo; introduzir / resumir (não simplesmente postar); adicionar a sua perspectiva;
- 4) Arranjar / formatar: classificar conteúdo; hierarquizar; leiautar conteúdo;
- 5) Criar: decidir por um formato: Paper.li, Scoop.it, Storify, Storiful, Twitter curation2; creditar fontes;
- 6) Compartilhar: identifique sua audiência; qual mídia eles usam?
- 7) Engajar: ser o anfitrião da conversação; providenciar espaço; participar; animar;
- 8) Monitorar: monitore o engajamento; monitore a liderança da conversação; melhore.

Ao longo dos anos foram criados modelos distintos de curadoria, entretanto eles interligam-se e trabalham em conjunto, principalmente quando há grande fluxo de informações. Biguelman *apud* Amaral (2012) apresenta três possíveis modelos de curadoria que misturam elementos humanos e não-humanos: o curador como filtrador; o curador como agenciador; e a plataforma como dispositivo curatorial.

O curador como filtrador utiliza-se da relação homem-máquina, contextualizando informações a partir de *hiperlinks*. Nesse sentido, podemos citar uma *fanpage* de artista, na qual há intensa distribuição de conteúdo a partir de *links* interligados em diversas outras páginas (AMARAL, 2012).

O curador como agenciador atua, além de selecionador, como uma espécie de mediador entre o tema e seu público. Como exemplo, citamos os blogs e canais do Youtube que tratam de um assunto específico que está em voga e é mediado pelo blogueiro, *youtuber* ou responsável pelo meio de comunicação (AMARAL, 2012).

Já a plataforma como dispositivo curatorial é um mecanismo que exige um trabalho manual mais intenso que os demais, utilizando configurações operacionais baseadas em estratégias estipuladas a partir da finalidade para a qual foi concebida (AMARAL, 2012).

Além desses três planos explicados anteriormente, Amaral (2012) acrescenta ainda o modelo de curador como crítico, que pode ser criado a partir de qualquer plataforma, mas principalmente através das redes sociais, nas quais se usa muito a função do compartilhamento de informações com ressignificados, ou seja, o usuário se apropria de um conteúdo já existente e compartilha com os demais, incorporando suas experiências. Por fim, a autora cita ainda o modelo de recomendação como crítica, que filtra informações a partir da construção do perfil dos consumidores, seja em redes sociais, sites de compra ou *fanpages*.

Ao mesmo tempo em que o mundo digital propicia um estreitamento, principalmente no que diz respeito ao tempo e na busca por informações, essas se encontram espalhadas, desorganizadas, produzidas muitas vezes por amadores e sem legitimidade. A curadoria de informação visa, acima de tudo, a organização de dados dentro da esfera digital. Entretanto, Amaral (2012) afirma que talvez a questão mais polêmica envolvendo essa temática é a atuação de profissionais e amadores num mesmo contexto, sem que um seja ameaça ao outro, ainda que existam divergências discursivas e de qualidade na produção do material.

2.2 A construção do acontecimento

Um acontecimento como o acidente aéreo que vitimou mais de 70 pessoas, entre jogadores, dirigentes, comissão técnica, jornalistas e tripulantes, tem grande impacto e repercussão na sociedade. Entretanto, ele só gera efeito se for noticiado. De acordo com Alsina (2009, p. 129), “o acontecimento aproxima a história ao indivíduo. [...] De fato o que não aparece na mídia não existe para muita gente. A mídia faz visíveis os fatos”.

Neste sentido, Sodré (2009, p. 28-33) afirma que fatos são “experiências possíveis”, ou seja, algo que ocorreu ou que possa ser comprovado empiricamente. Não são apenas teorias, ideologias, vocações. São coisas, objetos, ações que convergem ou não, causando algum impacto nas pessoas. Já a representação do fato ou a informação perpetuada em notícia é apresentada como acontecimento que ficará eternizado na história.

Dessa forma, é necessário discorrer sobre a construção do acontecimento para entender de que maneira o discurso jornalístico pode interferir na produção de sentido. Para exemplificar, Verón (1987, p. III) explica que a notícia construída e noticiada em um dia qualquer pode ser considerada um produto tanto quanto um automóvel, pois é um objeto fabricado. A diferença é que a notícia é um produto de comunicação, sendo que dessa forma *“los médios no ‘copian’ nada (más o menos bien o más o menos mal): producen realidad social”*.

É importante termos em mente que o acontecimento é um fenômeno social que será percebido por cada sociedade conforme sua bagagem histórica e cultural. O que não é relevante dentro de certo contexto pode não ser observado como acontecimento ou ser renegado pela mídia. As alterações da maré observadas no litoral brasileiro não serão divulgadas no centro-oeste do país, pois não são pertinentes àquele local e não se trata de um acontecimento com características interessantes aos habitantes daquela região.

O acontecimento é algo novo que surge repentinamente no sistema social e que normalmente é imprevisível, isolado, desorganizador, acidental e de caráter conflitante. Significa uma ruptura, algo que tenha destaque em detrimento a outras situações que ocorrem no mesmo tempo/espço, seja na esfera pública ou privada (SODRÉ, 2009).

Ao conceituar o termo “acontecimento”, Berger e Tavares (2009, p. 02), afirmam que este é o objeto de referência do jornalismo, “a matéria-prima para os relatos do mundo da vida”. Segundo os autores, é possível afirmar que, em meio às rotinas produtivas, dois tipos de acontecimentos podem ser observados: os esperados, que possuem uma programação repassada com antecedência (eventos,

esportes, cerimônias, etc.), e os inesperados, como a fatalidade que ocorreu com a equipe da Chapecoense.

Berger e Tavares *apud* Rebelo (2009) explicam ainda que são necessários dois atributos para que as ocorrências sejam classificadas como acontecimentos: atualidade e pregnância. O primeiro diz respeito à produção do acontecimento no tempo e no espaço atual para que seja de interesse do público. Já a segunda virtude tem como característica causar uma ruptura ou desordem no momento em que vivemos e incita a reconstruir nosso quadro de vida, que foi alterado pelo fato inesperado. O acidente aéreo envolvendo a equipe da Chapecoense, sem dúvida, foi um acontecimento com tais aspectos, principalmente, pela alteração que ele causou na rotina dos jornalistas e de todo público que acompanhou os desdobramentos do caso.

Para Verón (1987, p. V-X), os acontecimentos não surgem prontos: “*sólo existen en la medida en que los médios los elaboran*”, ou seja, eles existem para o público a partir da produção e veiculação pelos meios de comunicação. Depois que os meios de comunicação produzem as notícias e as divulgam, esses acontecimentos passam a ter outros desdobramentos fora da mídia, pois são repassados aos “atores sociais” que replicam a informação de inúmeras outras maneiras, ou seja, geram ressignificações. Esse contexto possibilita que identifiquemos um circuito dentro do processo de construção da notícia. Em um primeiro momento temos um acontecimento puro, existente no tempo e no espaço. Sob a ação jornalística, ele é construído discursivamente e veiculado, sendo recebido pelos atores sociais que disseminam a informação entre seus contatos de uma forma que é intrínseca a eles próprios, adicionando suas vivências e experiências, podendo emitir novos significados ao noticiado originalmente e mais ainda em relação ao acontecimento puro.

Os meios de comunicação têm a capacidade de oportunizar a experimentação dos acontecimentos, pois aproximam os fatos dos leitores de forma completa, uma vez que têm o compromisso de dar visibilidade aos diversos pontos de vista relacionados ao acontecimento. Isso faz parte da construção da realidade a que se refere Alsina (2009, p. 27) quando afirma que “a construção social da

realidade por parte da mídia é um processo de produção, circulação e reconhecimento”. Caso a mídia não fosse parte integrante do processo, possivelmente a realidade social seria diferente. Além disso, é necessário levar em consideração a interação da audiência nesse processo, pois a atividade jornalística é reconhecida e compartilhada pelo público.

La opinión espera del discurso informativo que la mantenga al día sobre lo que ocurre en el mundo. Esta evidencia contiene una serie de presupuestos que intervienen sobre todo en la forma de construir la relación entre el expositor y su destinatario: se admite, por ejemplo, que aquél está en condiciones de determinar la importancia del acontecimiento y que a partir de ahí tendrá que describirlo y explicarlo (VERÓN, 1987, p. 194).

Ainda conforme Verón (1987), frequentemente, a produção de um informe noticioso dependerá dos dados captados, imagens e fontes, mas também de normas sociais e ideológicas que estão envoltas no complexo processo de comunicação, como as leis, regras editoriais e visão política do jornal. O acontecimento midiático acaba sendo tensionado diretamente por esses elementos.

Em outras ocasiões, de acordo com Alsina (2009, p. 145), “existem acontecimentos que se impõem no próprio sistema de comunicação institucionalizado, por possuir determinadas características”. Isso ocorreu em relação à tragédia envolvendo a equipe da Chapecoense, que abarcou valores-notícia caros à prática jornalística, como seu caráter trágico e a proximidade dos envolvidos, uma vez que a maioria dos passageiros era de nacionalidade brasileira.

Dentro dessa realidade social produzida, o discurso em que acreditamos é naquele que, de alguma forma, nos reporta a uma experiência direta. Se os indivíduos creem em tal discurso é porque acreditam que ele seja verdadeiro, e é exatamente isso que, ao final, creditará ao veículo credibilidade.

No jornalismo, o acontecimento necessariamente deve ser real, muito embora o relato jornalístico seja uma construção subjetiva do jornalista. Por isso Sodré (2009, p. 48) cita a credibilidade como um dos itens de maior apelo junto ao público, enfatizando que o jornalista ocupa um o lugar de mediador “entre a cena do acontecimento e a sociedade global”.

Complementando Sodré (2009), Alsina (2009) afirma que a função principal da mídia é o “fazer saber”, porém, para que esse compartilhamento de saberes exista, é necessário que o público acredite na informação, do contrário seria um saber falso. A credibilidade a respeito da verdade apresentada nas notícias é proposta em “um contrato pragmático fiduciário”, através de um discurso construído com a finalidade de ser aceito como verídico, pois apenas dessa forma a mídia contará com a confiança dos seus leitores.

A estratégia consiste em construir um discurso no qual se possa acreditar. Por essa razão, fazemos com que apareçam no discurso informativo as fontes da informação que o jornalista consultou, o jornalista lança mão das aspas para citar depoimentos tácitos, também facilita muitos dados sobre qualquer acontecimento para que não haja dúvidas sobre ele (ALSINA, 2009, p. 48-49).

No percurso da produção da notícia e, conseqüentemente, na construção da realidade, os meios de comunicação podem utilizar diversos caminhos e estratégias. Como exemplo, Verón (1987) nos relata a cobertura do acidente com um reator da central nuclear Three Mile Island, em 1979, no qual as três emissoras de rádio francesas que fizeram a cobertura do acidente posicionaram-se de formas distintas em relação ao acontecimento. Uma delas, que se intitulava antinuclearista, chegou a omitir informações a fim de dramatizar o caso, mantendo o anúncio de evacuação total da cidade mesmo quando toda a população já regressava às suas casas.

Novas estratégias surgem constantemente para captar a atenção do público. Nesse contexto, a literatura sempre teve papel cativo junto ao jornalismo, principalmente a partir do segundo reinado, quando o gênero literário era notório nos discursos informativos. Porém, com o advento da televisão, *internet* e outras tecnologias, diferentes tipos de narrativa tornaram-se frequentes nos veículos de comunicação (SODRÉ, 2009).

A literatura pode auxiliar o jornalismo na forma de contar histórias, pois são, muitas vezes, os pequenos detalhes que diferenciam os textos. Tais detalhes, como gestos, cores, pequenos diálogos e hábitos que aparentemente são irrelevantes, podem ser capazes de ratificar a veracidade dos fatos contados e fazem com que o leitor consiga imaginar-se no local.

Apesar de estarmos em uma era de números, códigos, imagens e tecnologia, o relato do acontecimento, a construção singular de cada história e uma boa narrativa são fatores que podem fomentar o consumo e o debate jornalístico. Acostumados a consumir apenas discursos informativos breves e rasos sobre a atualidade cotidiana, pode ser difícil compreender e aceitar a profundidade e a argumentatividade em algumas reportagens dentro do jornalismo. Sobre essa questão Sodré (2009, p. 68) afirma:

No caso do acontecimento, o que se sugere aqui é que ele deve ser compreendido [...] para além do registro simbólico, no registro afetivo do mundo. Quer dizer, não se põe em jogo apenas a lógica argumentativa das causas, mas principalmente o sensível de uma situação, com sua irradiação junto aos sujeitos e a revelação intuitiva do real que daí poderá advir. Assim, em vez de mera transmissão de um conteúdo factual, se trata da conformação socialmente estética de uma atitude.

A disposição das notícias em um jornal também é utilizada como estratégia e pode revelar muito sobre a importância dada a cada acontecimento noticiado, ou seja, as informações são classificadas quanto ao seu tipo ou editoria as quais pertencem e hierarquizadas conforme relevância pressuposta pelos jornalistas que produzem o periódico (VERÓN, 1987, p. 94). Um exemplo disso é a identificação da parte central das páginas como as mais importantes e destinadas aos assuntos de maior relevância.

De acordo com Berger e Tavares (2009), a forma como o acontecimento é construído para posteriormente ser disseminado também leva em consideração a veiculação do meio de comunicação: se diário, semanal ou mensal. No caso estudado, o acidente ocorreu durante a madrugada, momento em que o jornal já estava pronto e sendo distribuído. Assim, na edição do dia 30 de novembro de 2016 não há sequer menção do acontecimento, enquanto que os demais meios que atualizavam as informações em tempo real emitiam boletins noticiando a tragédia constantemente. Dessa forma, os jornais veiculados no dia 1º de dezembro de 2016 não poderiam mais noticiar apenas a ocorrência do acidente. Considerando a dimensão dos fatos, os jornais tiveram de construir o acontecimento midiático de outras maneiras, por outros caminhos.

Um mesmo assunto pode ser tratado de diversas maneiras, dando enfoques diferentes de um mesmo acontecimento. Como define Sodré (2009, p. 38), “o enquadramento midiático é a operação principal pela qual se seleciona, enfatiza e apresenta (logo, se constrói) o acontecimento”. Isso ocorre normalmente devido às diferenças nos perfis das instituições e na comunicação com o público, discorrendo de formas diversas sobre o mesmo tema.

Baseando-se na concepção da realidade como um produto da mídia a partir das construções dos acontecimentos, Alsina (2009, p. 47) observou que existiam dois panoramas. No primeiro, teorizado por Enzensberger em 1972 e Doelker em 1982, a realidade seria manipulada e distorcida pela mídia. Já para Baudrillard (1978), a mídia faz uma simulação da realidade social. O que esse contraponto nos mostra é que em ambos os casos a realidade é vista como uma construção executada, sobretudo, pelos meios de comunicação.

Ainda segundo Alsina (2009), os efeitos da notícia são as opiniões que elas geram. Entretanto, uma vez que a mídia não é onipotente, não há como especificar a influência que ela incide em cada indivíduo. Isso dependerá de uma série de elementos construídos a partir das vivências pessoais.

Outros autores como Wolf (1999) e Verón (1987) sugerem que a mídia cria a realidade social. Já Alsina (2009, p. 46-52) afirma que, na verdade:

Os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua realidade discursiva [...] ainda que dificilmente os jornalistas reconheçam que levam à frente uma construção da realidade social, como se isso fosse reconhecer a existência de uma espécie de pecado original do próprio jornalismo.

O que todos os autores concordam é que a mídia cria seu próprio acontecimento midiático a partir de um fato que chega ao seu conhecimento, o que significa dizer que há um “acontecimento puro” localizado no tempo e no espaço e outro construído narrativamente pelos meios de comunicação.

O jornalista é apenas um dos componentes do processo narrativo, no qual não é o narrador exclusivo e absoluto. Deste contexto fazem parte também os

fotojornalistas, as fontes e os personagens do acontecimento, que através de um discurso narrativo contam as histórias cotidianas. O jornalista apenas atua como “narrador profissional”, convergindo para a “esfera de comunicação especializada uma série de elementos já dispostos na trama comunicativa do cotidiano” (TAVARES; VAZ, 2005, p. 128).

De acordo com Verón (1987), para compreender os efeitos da produção de sentido por completo é necessário analisar as estratégias de construção das notícias veiculadas, como, por exemplo, as imagens utilizadas em cada edição dos jornais, pois as fotografias que ilustram as reportagens têm um poder evocador na construção de sentido perante o público, como veremos a seguir.

2.2.1 O papel da imagem na construção da notícia

A fotografia é um recurso utilizado em larga escala pela mídia impressa em geral. Ela chama atenção do leitor por apelar a questões emotivas e, portanto, não está ali por acaso. Ela traduz visualmente o que as palavras escritas pelo jornalista querem dizer. Segundo Tavares e Vaz (2005, p. 126), “no jornal, as imagens funcionam como ponte entre o acontecimento e o leitor, permitindo a esse imaginar o cenário e de alguma forma a ação que ali ocorre”. Podemos relacionar tal afirmativa com as tantas fotografias publicadas em meios de comunicação impressos que mostravam o local onde o avião da Chapecoense caiu, os destroços ou ainda os próprios sobreviventes, e como essas imagens nos projetam à cena do acontecimento, aproximando-nos do fato.

Sendo representações da realidade, as imagens podem fornecer informações de como as pessoas vivem nos mais diferentes locais do mundo, assim como sua cultura, costumes, vestimenta. Além de traços específicos na fisionomia do ser humano que podem revelar seus sentimentos, o que justamente a torna única, ou seja, um análogo mecânico de uma realidade que agora pode ser revisitada através dos “frames” (BARTHES, 1984).

A reprodução de imagens que representam o mundo e as ações cotidianas sempre esteve presente no imaginário do homem, desde os desenhos rupestres até as mais elaboradas tecnologias desenvolvidas para capturar imagens no tempo e no espaço. Entretanto, ao passo que o homem consegue fazer uma representação do que é real através da reprodução de imagens, aquilo se torna apenas um recorte da realidade. Sob essa perspectiva, Buitoni (2011, p. 17) afirma que “o senso comum costuma atribuir verdade à fotografia que acaba sendo considerada um verdadeiro documento”.

Da invenção da máquina fotográfica até os dias de hoje, muitos filósofos, sociólogos e pesquisadores dedicaram esforços ao estudo da representação da realidade através das fotografias. Dentro desse processo de construção da realidade social, no qual o discurso jornalístico incide grande influência, há outro elemento determinante: a fotografia. Atualmente é quase impossível nos distanciarmos das imagens, pois elas estão em todos os lugares e, de acordo com Vaz (2006, p. 08), “todas representando algo do mundo, construindo-o simbolicamente”.

Convergente a este pensamento, Sodré (2009, p. 80) declara que a narrativa tem o poder de interferir diretamente na produção de sentido junto ao público em relação à história contada e que esse critério pode ser igualmente atribuído à fotografia jornalística, que imerge o leitor no local do acontecimento narrado, o que o autor chama de “o potencial narrativo presente no conteúdo da imagem”.

O pesquisador Philippe Dubois, citado por Buitoni (2011), sugere três vertentes distintas de pensamentos relacionados à construção da realidade através das imagens: a fotografia como espelho do real; a fotografia como transformação do real; e a fotografia como traço do real. Essas teorias assemelham-se, em parte, às teses desenvolvidas ao longo do tempo em relação aos processos jornalísticos.

Ao sugerir a fotografia como espelho do real, estudiosos, como o francês André Bazin, consideravam a fotografia um cópia objetiva da realidade na qual estavam inseridos. Já a teoria que sugere a fotografia como transformação do real se ampara na prerrogativa de que tais imagens são instrumentos que requerem

interpretação a partir da decodificação, de modo que na produção podem passar por diversos tratamentos que alteram a “realidade pura” (BUITONI, 2011).

As fotografias como traço do real contêm algo de singular que as diferenciam de outros mecanismos de representação. Neste sentido, Buitoni (2011, p. 23) afirma que:

A imagem fotográfica é a impressão física de um referente único [...]. No entanto, a única coisa que a fotografia certifica é de que houve um momento em que aquele referente foi clicado. A fotografia não prova quando foi, nem quem são os personagens, nem se a cena é instantânea ou produzida.

É o “traço de um real” que fundamenta o uso da fotografia no jornalismo e serve de complemento para a informação noticiada no veículo de comunicação. “Atualmente, a imagem impressa vem sendo um recurso que facilita a produção jornalística, que permite a construção de páginas mais interessantes, contrabalanceando com a monotonia do texto” (BUITONI, 2011, p. 26).

De acordo com os estudos de Barthes (1990, p. 14), a mensagem ou o sentido das imagens pode ser ao mesmo tempo “invisível e ativa, clara e implícita”. Isso ocorre em razão de dois fenômenos: por um lado, a fotografia jornalística é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas já pré-estabelecidas; por outro lado, essa mesma fotografia é recebida e interpretada pelo público que a consome de acordo com seu “código de linguagem”.

Assim, as imagens poderão ter significações distintas conforme a pessoa que as vê, pois cada uma associará ao seu cotidiano, suas vivências, sua cultura e seus hábitos. Além disso, cada indivíduo pode ter diversas interpretações sobre a mesma fotografia, considerando seus aspectos plásticos, seu conteúdo, seu formato e a relação entre os elementos que constituem as fotos.

[...] O olho humano está conectado ao cérebro, o cérebro ao sistema nervoso, e a imagem passa pelo filtro do que já vivemos e do que sentimos no presente. Portanto, quando olhamos para uma fotografia, vemos nela, também, o reflexo de quem somos (HARAZIM, 2016, p. 377).

Quando Boni (2006, p. 131) afirma que “interpretações diferentes – e mais profundas (das fotografias) – dependem também do grau de interesse, envolvimento e proximidade com o assunto retratado”, ele revela a margem de interpretação que existe ao divulgar imagens a pessoas com ideologias distintas. Uma freira e o dono de uma marca de *lingeries*, por exemplo, provavelmente terão reações distintas ao serem expostos a fotografias de mulheres usando apenas biquínis. A fotografia jornalística é polissêmica, ou seja, ela pode apresentar vários sentidos e é passível de gerar diversas interpretações.

Sobre a interpretação das imagens, Boni *apud* Joly (2006, p. 129) explica que, ao analisar uma imagem, existem dois raciocínios distintos que o indivíduo deverá efetuar: “reconhecer motivos nas fotografias e interpretá-los”. Ou seja, em um primeiro momento é necessário perceber o que há na imagem para que se descubra o conteúdo de tal fotografia, o que pode ser realizado a partir da visualização das formas, tamanhos, cores. Após essa etapa, passa-se para a interpretação dos signos apresentados ou, como expressa o autor, “decifrar os significados por trás de sua aparente naturalidade”. Em relação ao processo de interpretação das imagens, Barthes (1990, p. 22) entende ser necessária uma decodificação dos signos intrínsecos à fotografia: “Graças ao seu código de conotação, a leitura da fotografia é, pois, sempre histórica, depende sempre do saber do leitor, tal como se fosse uma verdadeira língua inteligível apenas para aqueles que aprenderam seus signos”.

Ocorre que tais interpretações são particulares a cada indivíduo e serão baseadas nas experiências que ele teve durante sua vida. Aliás, de acordo com Boni (2006), o próprio jornalista, ao registrar determinado tema, pode ter atribuído um valor diferente do que o leitor ao interpretar a imagem. Além da conotação dada pelo jornalista ao captar a imagem, o processo de indução de sentido passará também pelos interesses da edição, como por exemplo, o tamanho da imagem e sua localização no periódico. Essa defasagem entre a proposta sugerida pelo campo produtor e a proposta oriunda da interpretação do leitor é inerente à construção do processo midiático atual.

Estudos em torno da geração de sentido põem em xeque a premissa de que o leitor é o único responsável pela interpretação das imagens. Sua leitura, quase sempre, é o resultado da junção da capacidade de interpretação do leitor com a intencionalidade de comunicação dos veículos que a publicam (BONI, 2006, p. 133).

Conforme Short (2013), o contexto também é fundamental para que o fotógrafo consiga traduzir as ideias em imagens de forma clara ao leitor. Nesse processo, a composição fotográfica tem um importante papel, pois é ela que dará significado à imagem, sendo que os objetos que compõem as fotografias são excelentes elementos de significação. Em meio aos destroços do avião que se partiu após o acidente, podiam ser vistos diversos pertences pessoais dos passageiros e, até mesmo, retratos das famílias das vítimas que seriam usadas na preleção do jogo como forma de motivação à equipe. Esses itens reforçavam ainda mais a dramaticidade do acontecimento, estendendo o simbolismo daqueles objetos do local do incidente para as páginas dos jornais.

Ao capturar um momento, o fotojornalista isola tal fragmento do contexto e permite que ele se conserve nos espaço e no tempo. Sob essa perspectiva, Barthes (1984, p. 13) argumenta: “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. As fotografias registradas no embarque da delegação da Chapecoense, bem como àquelas que foram tiradas durante o voo, transmitiam a alegria dos jogadores e da comissão técnica, entretanto passaram a ter outro significado após a queda da aeronave. Esse paradigma revela uma diferença nos contextos em que as imagens foram veiculadas. Se num primeiro momento elas demonstravam a alegria e o entusiasmo em disputar pela primeira vez um título internacional, após a tragédia as imagens foram incorporadas a outro contexto, de dor e luto, e revestidas com outro simbolismo, o da tristeza, da nostalgia e da incredulidade.

Sendo os jornais veículos de comunicação com estratégias comunicativas distintas, a maneira como articulam textos e imagens passará também pelo crivo editorial. Assim, mesmo que as fotografias revelem espontaneidade, haverá intencionalidades específicas em sua veiculação, não estando lá como meras ilustrações.

O jornal, ao veicular imagens, possui objetivos e sabe o que pretende mostrar. As fotografias jornalísticas não são inocentes: elas traduzem um acontecimento, construindo-o. Recortam uma realidade, são notícia e transmitem informação (TAVARES; VAZ, 2005, p. 132).

Ainda de acordo com Tavares e Vaz (2005), as imagens tornam-se munição para o jornalista, como forma de dar veracidade àquilo sobre o que escreve. As imagens têm a função de contextualizar as notícias, aguçar o imaginário do receptor, reforçar ou corroborar o que está sendo noticiado, traduzir ações ou palavras, facilitar e aproximar o leitor do acontecimento.

Giacomelli (2008, p. 31) reforça a premissa de que a fotografia é utilizada como forma de atestar a veracidade do fato noticioso quando discorre sobre as ilustrações feitas nos primórdios dos jornais impressos. Como a impressão das fotografias para os jornais ainda não havia sido viabilizada, as imagens eram copiadas à mão e identificadas com a seguinte frase: “copiada de uma fotografia”.

Segundo Buitoni (2011), as guerras tiveram significativa influência para o surgimento do fotojornalismo, pois as imagens relacionadas aos conflitos despertavam muito interesse, além da força que possuíam junto aos civis por se tratarem de cenas fortes e comoventes. Em contraponto, durante a Primeira Guerra Mundial poucas imagens puderam ser publicadas devido à censura militar, ao passo que na Segunda Guerra Mundial a cobertura foi intensa, sendo que a Revista Life, dos Estados Unidos, chegou a mandar 21 fotógrafos para cobrir as batalhas. Atualmente existe uma classificação para cada tipo de fotografia jornalística, que leva em consideração sua finalidade informativa: fotonotícia, foto de leitura unitária, fotossequência e fotorreportagem ou reportagem fotográfica.

A fotonotícia é aquela que comunica visualmente, podendo ou não ser acompanhada de texto e legenda. Em alguns casos ela pode também ser chamada de “embrião narrativo”, quando sugere a continuidade da ação ou revela a existência de ações antecessoras. Geralmente os registros de flagrantes possuem a característica de embrião narrativo que Buitoni (2011) indica ser o elemento mais jornalístico de qualquer fotografia.

A foto de leitura unitária, como o nome já revela, é aquela que permite a leitura do conteúdo sem uma sequência de imagens. Entretanto, Buitoni (2011, p. 94) explica que “uma matéria pode ter mais de uma foto unitária; neste caso, mesmo se referindo ao mesmo assunto, elas não se articulam em sequência”. No jornalismo impresso, e especialmente no caso que envolveu a equipe da Chapecoense, esse tipo de imagem foi muito utilizado, uma vez que grande parte das fotografias veiculadas foi adquirida junto a agências de comunicação.

Já a fotosequência reúne imagens captadas em um curto espaço de tempo (geralmente de três a quatro fotografias), mostrando a cena em pequenos recortes, quase como em uma animação. Essa técnica é muito usada em imagens de câmeras de segurança a fim de mostrar vários momentos dentre um período de tempo maior (BUITONI, 2011).

Na fotorreportagem ou reportagem fotográfica temos um agrupamento de imagens, alicerçadas em um tema principal, que, em conjunto, originam uma narrativa fotográfica. Desse tipo de fotografia jornalística podem surgir os prestigiados ensaio fotográficos (BUITONI, 2011).

Mesmo que a fotografia seja entendida como um produto final, de estrutura autônoma e significado interdependente, ela é apenas um dos componentes da estrutura de informação. Na outra ponta encontramos o discurso linguístico. Articulados, os dois propiciam a totalidade das informações ao leitor. Sob este prisma, Barthes (1990, p. 12) afirma:

Embora não haja fotografia jornalística sem comentário escrito, a análise deve focalizar, em primeiro lugar, cada estrutura isolada; somente após ter-se esgotado o estudo de cada estrutura é que se poderá compreender a maneira como as estruturas se completam (BARTHES, 1990, p. 12).

No jornalismo impresso as fotografias interagem muito com o texto, uma vez que ambos se complementam. Essa articulação ocorre mais fortemente com legendas e manchetes (títulos e subtítulos) ilustradas com imagens. Todavia, em meio às matérias também é comum a apresentação de imagens. Na relação entre foto e legenda, o texto deve ser entendido como parte integrante da imagem, uma

vez que pode interferir na compreensão da fotografia e do motivo pelo qual ele se faz presente naquela notícia (TAVARES; VAZ, 2005).

Tendo em vista que Barthes (1990, p. 32) defende que “toda imagem é polissêmica [...], podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros significados”, fica evidente o papel da mensagem linguística no processo comunicacional. Essa técnica auxilia na elucidação dos signos incertos, revelando seu significado ou pelo menos afirmando em palavras o que o meio de comunicação quis retratar ao leitor.

De acordo com Boni (2006), os estudos mais recentes ligados à fotografia no meio impresso indicam o uso deliberado de elementos de significação por parte da mídia, quando essa tem conhecimento de possíveis interpretações em massa, gerando um sentido condizente com seus próprios interesses. Sob este aspecto, Tavares e Vaz (2005, p. 125-126) pontuam a importância do discernimento do leitor ao interpretar o conjunto de elementos que compõem o discurso noticioso:

Em cada veículo de comunicação há uma proposta de leitura sobre o mundo, sobre um aspecto dele. Em cada publicação há uma espécie de construção própria da realidade. [...] Compete ao leitor olhar para cada um destes veículos dimensionando suas várias facetas, procurando entender a conexão existente entre a(s) realidade(s) da vida cotidiana e as leituras ou as imagens construídas sobre ela(s) nos jornais e revistas que tem sob os olhos.

A análise das estratégias relacionadas até aqui permite compreender a intenção de quem fabrica, veicula e insere os acontecimentos em um contexto midiático, além de proporcionar o entendimento no que diz respeito ao papel do jornalismo na construção da realidade social. Vejamos ainda a significação das fontes na construção do acontecimento em notícia e transformado, consequentemente, na realidade social.

2.2.2 Fontes jornalísticas

As fontes também têm papel fundamental na construção das notícias, pois são elas quem testemunham, participam ou têm conhecimento sobre o assunto a ser noticiado. As informações apresentadas neste tópico servem de embasamento para

a posterior análise do papel das fontes utilizadas nas notícias veiculadas pelos jornais O Informativo do Vale e A Hora do Vale, ao longo da cobertura sobre a tragédia envolvendo a equipe da Chapecoense.

Sobre a importância das fontes no contexto de produção das notícias, Alsina (2009, p. 165) afirma: “a fonte é o ensejo da função de recurso e constrição ao mesmo tempo, à qual o jornalista recorre com diversas intenções para concretizar sua competência de contextualização do acontecimento-notícia”.

Neste sentido, Schmitz (2011, p. 9) sugere que “a maioria das informações jornalísticas advém de organizações ou personagens que testemunham ou participam de eventos e fatos de interesse da mídia”. Por imposição do mundo moderno, o jornalista é obrigado a produzir notícias que não são de seu conhecimento ou que não presenciou, momento no qual as fontes adquirem sua importância. Será o relato delas que dará consistência ao discurso noticiado na mídia.

De acordo com suas características, esclarece Lage (2005), as fontes podem ser classificadas como: oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; testemunhais e experts.

Fontes oficiais são aquelas mantidas pelo Estado ou vinculadas às instituições públicas, juntas comerciais, sindicatos, cartórios, organizações, e associações. Essas fontes são consideradas muito confiáveis, pois detêm credibilidade quando repassam informações. Já as oficiosas são aquelas ligadas a uma entidade ou indivíduo, mas que não estão autorizadas a falarem em nome delas, enquanto as independentes não possuem relação de poder ou interesse no caso em voga (LAGE, 2005).

Considerando o acontecimento estudado neste trabalho, podemos identificar os representantes do clube, diretores da companhia aérea envolvida e dos aeroportos como as fontes oficiosas do caso. O prefeito da cidade de Chapecó é uma fonte oficial, bem como os peritos que investigaram o acidente, os policiais e os socorristas. Muitas fontes independentes também foram utilizadas nas reportagens,

como moradores da cidade de Chapecó, pessoas que já tiveram algum contato com as vítimas e indivíduos que passaram por algo semelhante ou que possuíam uma história de sobrevivência para contar.

As fontes oficiosas podem evidenciar manobras de interesse particular dentro de instituições e muitas vezes são protegidas pelo anonimato. Já o êxito das fontes independentes depende de serem consideradas informantes espontâneos e sem qualquer interesse particular (LAGE, 2005).

Conforme Pena (2008, p. 62) as fontes oficiosas são sempre as mais tendenciosas, pois “têm interesses a preservar, informações a esconder e beneficiam-se da própria lógica do poder que as colocam na clássica condição de Instituição”.

Ao tratar da relevância das fontes para a construção da notícia, Lage (2005, p. 65-66) expressa:

Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais.

Alguns autores, como Karam (2010) e Schmitz (2011), denominam as fontes oficiosas como institucionais e afirmam que essas são frequentemente as primeiras a serem ouvidas, o que as classificam também como fontes primárias. Por isso, Neveu (2006, p. 98) sugere que “as rotinas jornalísticas impelem a imprensa a procurar a informação primeiro com estas fontes (institucionais), que dispõem a partir daí o poder de ‘definir’ a situação, ou de pelo menos ‘enquadrá-la’”.

Já as fontes secundárias servem para antecipar o assunto. Normalmente, os jornalistas acionam tais fontes como pesquisa prévia para desenvolver um bom questionário junto às fontes primárias.

As fontes testemunhais desenvolverão seu relato conforme sua perspectiva e sua emotividade. Podem ter participado ativamente do fato ou não e serem de lados opostos do conflito. Como exemplo, Lage (2005) cita judeus ortodoxos e militantes

muçulmanos na guerra da Palestina que certamente teriam relatos divergentes, por mais honestos que fossem. Assim como podemos pensar nos sobreviventes da tragédia envolvendo a Chapecoense e os familiares do piloto e dono da empresa aérea.

Os experts ou especialistas são procurados visando as interpretações de eventos, como alterações de clima ou intempéries, por exemplo. Geralmente, são fontes secundárias. Lage (2005, p. 68) atenta para o fato de que “é conveniente ouvir mais de um especialista e variar os especialistas que se ouve”, para não desgastar a imagem da fonte e verificar diversas opiniões. No caso do acidente aéreo, que tem sua cobertura jornalística local estudada neste trabalho, se observa a intensa procura por profissionais e especialistas de voo e manutenção de aviões para que explicassem possíveis causas da queda da aeronave.

Verón (1987) também expõe a importância dos especialistas ao longo da cobertura do acidente com um reator da Central Nuclear Three Mile Island, em 1979, na qual nota-se a distinção dada entre o discurso informativo (construído pelo jornalista, com base nas informações repassadas por agências ou correspondentes) e o discurso didático (baseado na explicação de um especialista).

Alsina (2009) ressalta ainda a importância das fontes institucionais por serem de fácil acesso, fornecerem informações atualizadas e terem credibilidade. Em razão disso, acabam se tornando fontes de consulta obrigatória para os jornalistas.

Citando Gans, Wolf (1999) explica que a relação entre jornalista e fonte se assemelha a uma dança, na qual as fontes tentam ter acesso ao jornalista, enquanto que este busca se aproximar das fontes. As fontes vão até os jornalistas principalmente por quatro motivos: incentivos, sensação de poder, capacidade de fornecer informações credíveis e proximidade social e geográfica em relação ao profissional. Do ponto de vista dos jornalistas também existem fatores para o uso de determinadas fontes (principalmente as oficiais), como, por exemplo, para concluir um produto informativo em um determinado período de tempo ou quando há uma oportunidade antecipadamente revelada, além da produtividade, da credibilidade, da garantia e da respeitabilidade que algumas fontes representam.

Para Lage (2005) os estudos da corrente funcionalista explicam por que as fontes colaboram com os jornalistas, uma vez que os homens precisam se sentir aceitos na sociedade e por isso cooperam, prestando informações a um estranho, no caso o repórter, assumindo um papel de fonte sem ganhar qualquer benefício em troca. Entretanto, para a fonte não inventar uma resposta qualquer, dependerá da imagem que ela tem em relação ao jornalista, explicada pelo autor da seguinte maneira:

Se (a fonte) acha que o repórter é uma ameaça, será parcimoniosa nas respostas; se vê na conversa uma oportunidade de defender seus direitos, enfatizará reivindicações e reclamações; se teme que o repórter não compreenda algo, procurará ser minuciosa e redundante na explicação (LAGE, 2005, p. 57).

Pena (2008, p. 58) vai ao encontro desse pensamento e afirma que “o resultado de uma conversa com a fonte depende essencialmente do que ela imagina sobre você (repórter) e sobre suas intenções”. Neste sentido, o autor recomenda que o jornalista seja cético, uma vez que nessa profissão a desconfiança é uma norma de sobrevivência.

Por isso é necessário que o repórter esteja atento. Muitas fontes são treinadas para serem convincentes e desenvolver discursos complicados a fim de demonstrar uma certeza no que dizem, sem que isso seja a verdade. O testemunho imediato é o mais indicado pelos autores, por se apoiar na memória de curto prazo, que tende a ser mais fidedigna.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente capítulo traz uma breve contextualização do Vale do Taquari no Rio Grande do Sul, região abrangida pelos veículos analisados nesta pesquisa. Como objetos deste estudo, os jornais A Hora do Vale e O Informativo do Vale também são descritos a seguir.

3.1 Vale do Taquari no RS

O Vale do Taquari é uma região localizada no centro-oeste do Rio Grande do Sul. Segundo dados do IBGE (2010), sua população é de 327.822 habitantes, composta por diversas etnias, em sua maioria por descendentes de alemães e italianos, além de outros povos europeus e africanos.

Lajeado, Estrela e Encantado são as maiores cidades da região, tendo sido emancipadas ao longo do século XIX. Além desses, o Vale conta com outros 33 municípios: Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Doutor Ricardo, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Marques de Souza, Muçum, Nova Bréscia, Paverama, Poço das Antas, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabaí, Taquari, Teutônia, Travesseiro, Venâncio Aires, Vespasiano Corrêa e Westfália.

3.1.1 Jornal A Hora do Vale

O Jornal A Hora do Vale iniciou suas atividades em 1ª de julho de 2002, no município de Santa Clara do Sul, em uma sala comercial de aproximadamente 10m², tendo como objetivo inicial atingir os cinco mil habitantes locais com um semanário de 12 páginas.

Em 2007 a sede do jornal foi transferida para Lajeado, com a intenção de ampliar sua cobertura. Obtendo uma crescente demanda de assinantes e anunciantes, em meados de 2009 o A Hora do Vale tornou-se bissemanário, com circulação também às quartas-feiras e no fim de semana.

No mesmo ano foi lançada a página do jornal na web. O material produzido pelos repórteres era veiculado tanto na versão impressa quanto na plataforma digital, com o intuito de ampliar a divulgação do veículo.

Atualmente, com uma tiragem de sete mil exemplares por edição, o jornal A Hora do Vale abrange cerca de 20 municípios da região. No dia 4 de março de 2011 mais uma mudança foi apresentada: a circulação do impresso passou a ser de terças-feiras a sábados.

Além de vários cadernos especiais, o jornal conta com publicações inéditas como o Guia VEM, com informações turísticas sobre 56 municípios dos Vales do Taquari e Rio Pardo, a revista Canto Coral e o Anuário TUDO.

3.1.2 Jornal O Informativo do Vale

O Jornal O Informativo do Vale foi fundado em 8 de maio de 1970 por Oswaldo Carlos van Leeuwen, que atualmente é o diretor-presidente da empresa. Antes de iniciar o empreendimento, Oswaldo já trabalhava com comunicação, editando a revista mensal Conhecer o Vale do Taquari.

Inicialmente, a tiragem do jornal era de 500 exemplares. Na época haviam 100 assinantes e apenas dois anunciantes. Os jornais eram entregues aos

assinantes e o restante era vendido avulso, inclusive com o auxílio do fundador. Hoje a tiragem alcança 8.000 exemplares durante a semana e 8.500 aos sábados, que tem como principal diferença os cadernos Lazer, Classivale e Saúde. A cobertura do jornal O Informativo do Vale é sobre os 36 municípios do Vale do Taquari, além de Itapuca e Boqueirão do Leão, que integram grupos econômicos da região.

Durante muitos anos a impressão do jornal ocorria em Porto Alegre e a sede da empresa ficava na garagem de uma residência, no centro de Lajeado. Atualmente, a sede do jornal se localiza na Avenida Benjamin Constant, 2197, Bairro Florestal, em Lajeado, sendo que o terreno foi doado pelos poderes Legislativo e Executivo, em parceria com a Câmara de Dirigentes Lojistas de Lajeado.

Em 1998, o jornal criou um provedor de *internet*, intitulado de Joinet, e o site, que na época disponibilizava apenas informações da versão impressa, ou seja, apenas replicava a informação que já havia chegado aos leitores. Hoje, o site conta com atualizações constantes e um modelo mais interativo, que permite a visualização de páginas como se fosse o jornal impresso, além da divulgação de notícias em tempo real através das redes sociais.

O jornal conta com dois repórteres na área esportiva. Entre elas está Helena Basegio, uma das primeiras jornalistas esportivas do Rio Grande do Sul, que trabalha há mais de 30 anos na empresa.

4 MÉTODO

Este capítulo descreve os métodos que foram utilizados ao longo da pesquisa, importante etapa para o desenvolvimento do estudo. Conforme Bonin (2011), “a metodologia pode ser pensada como dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis”. Entretanto, a pesquisa não deve ser encarada como um processo estático, em um ciclo fechado. Assim como Goldenberg (1998) defende que nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. Portanto, o método torna-se um caminho que será estabelecido previamente para que seja possível resolver a problemática sugerida no início do trabalho, mesmo que no decorrer do processo venha ela sofrer alterações.

Goldenberg (1998, p. 19) explica que, através das constatações feitas pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey, o interesse da ciência social não está no conhecimento através de processos quantificáveis, mas sim, na análise do “comportamento significativo dos indivíduos”, uma vez que esta ciência lida com emoções, valores e subjetividades humanas. Indo ao encontro desse pensamento, Goldenberg cita também a proposta de Max Weber, representante da sociologia compreensiva, para afirmar que os “indivíduos agregam significado ao considerar o comportamento dos demais indivíduos”.

A pesquisa qualitativa solidifica-se no estudo de fenômenos sociais e, portanto, requer análise e compreensão do dia a dia dos indivíduos estudados. Neste contexto, Goldenberg (1998, p. 31) entende que “o pensamento

fenomenológico traz para o campo de estudo da sociedade o mundo da vida cotidiana, onde o homem se situa com suas angústias e preocupações”.

A fim de alcançar os objetivos propostos neste trabalho, percebeu-se a necessidade de utilizar o método qualitativo, visto que ao longo do estudo é traçado um comparativo entre as estratégias utilizadas pelos jornais A Hora do Vale e O Informativo do Vale, no que se refere à cobertura realizada em relação ao acidente envolvendo a equipe da Chapecoense, bem como às rotinas produtivas dos veículos citados.

Buscando entender o mundo através dos “olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e ações” (GOLDENBERG, 1998, p. 32), foram analisados os processos de seleção e construção das notícias dos dois veículos de comunicação acima referidos.

Ainda de acordo com Goldenberg (1998, p. 53), “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos”, de modo que para iniciar este estudo foram utilizadas duas técnicas metodológicas quanto aos fins da pesquisa: a exploratória e a descritiva, visto que através delas é possível verificar situações, descrever características e adquirir um conhecimento prévio sobre os objetos de pesquisa. Esses métodos foram principalmente utilizados para a construção dos objetivos desta pesquisa, bem como para contextualização acerca dos veículos de comunicação inseridos neste estudo.

O propósito em utilizar a pesquisa exploratória é conhecer, de forma consistente, o objeto de pesquisa. Conforme Gil (2006, p. 41), “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”, sendo, por esse motivo, o primeiro passo em direção ao desenvolvimento do estudo. Com essa técnica foi possível definir os direcionamentos e angulações que seriam privilegiadas ao longo do processo.

Definida por Gil, (2006 p. 42) como “aquela que visa descobrir a existência de associações entre variáveis”, a pesquisa descritiva foi usada neste trabalho com o

intuito de descrever os processos produtivos dos jornais, bem como transcrever as comparações verificadas ao longo do estudo.

Quanto aos meios, a pesquisa foi desenvolvida utilizando três técnicas metodológicas: a bibliográfica, a documental e o estudo comparativo. A fim de dar seguimento ao trabalho, foi realizado um levantamento das principais obras que abordam os temas relacionados ao estudo, nas quais foi aplicado o método da pesquisa bibliográfica, com a finalidade de dar embasamento teórico e legitimar o trabalho de conclusão de curso. Deste material foram coletados dados históricos, características e conceitos, sendo relacionados entre si e com os objetivos da pesquisa a fim de constituírem o referencial teórico. Assim, as metodologias aplicadas a esta pesquisa, inevitavelmente, estão embasadas em trabalhos semelhantes ou que discorrem sobre a mesma temática.

Neste trabalho também foi aplicada a análise documental, sendo que ela se diferencia da pesquisa bibliográfica na natureza das fontes. A análise em bibliografias origina-se de estudos e informações coletadas, organizadas e tratadas por pesquisadores. Já a documental é constituída por materiais brutos, que ainda precisam passar por um processo analítico. Se por um lado esse tipo de pesquisa apresenta vantagens - como o baixo custo, fonte rica de informações e distanciamento do sujeito - a subjetividade dos documentos pode ser considerado um ponto negativo desse método (GIL, 2006). No que diz respeito à técnica documental, foram analisados os jornais dos dois veículos de comunicação, visando à comparação da construção do material noticioso.

Neste sentido, também foi introduzido o estudo comparativo como estratégia de pesquisa, uma vez que, após a unitarização, categorização e análise, foi realizada uma comparação entre os dados coletado nos dois jornais. O que fica evidente nesse tipo de pesquisa, segundo Gil (2009, p. 08) é sua “natureza holística, ou seja, a proposta de investigar o caso como um todo considerando a relação entre as partes que o compõem”. Portanto, além de analisar cada parte individualmente, foi também traçado um comparativo do conjunto publicado por cada periódico.

Para entender o processo da construção das notícias publicadas pelos jornais, bem como a escolha das fontes, os critérios de noticiabilidade empregados e as rotinas produtivas nos dias em que foi efetuada a cobertura jornalística do caso estudado neste trabalho, foram realizadas entrevistas com repórteres dos dois veículos de comunicação. Essas entrevistas foram classificadas como semiabertas, pois partiram de “certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas” (DUARTE; BARROS, 2008, p. 66).

A amostra utilizada neste estudo foi não probabilística e definida a partir do critério de acessibilidade, uma vez que a pesquisa se deu com a versão impressa dos dois jornais da cidade de Lajeado, que foram escolhidos pelo fácil acesso ao material e por estarem vinculados diretamente aos objetivos propostos. Foram analisados os jornais publicados pelos dois veículos de comunicação entre os dias 30 de novembro e 10 de dezembro de 2016, sendo que nesse período foram veiculadas diversas reportagens, notas, colunas de opinião, charges e fotografias sobre a tragédia envolvendo a queda do avião que transportava a equipe da Chapecoense.

Em relação à análise textual, pode-se afirmar que é uma importante técnica para o tratamento dos dados coletados ao longo do estudo. De acordo com Moraes (2005, p. 86):

Análises textuais são modos de aprofundamento e mergulho em processos discursivos, visando a atingir aprendizagens em forma de compreensões reconstruídas dos discursos, conduzindo a uma comunicação do aprendizado e dessa forma assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na constituição de novos discursos.

Em suma, a análise textual pode ser compreendida como a desconstrução de materiais para posterior reconstrução, com novos significados e diferentes entendimentos, a partir dos dados coletados. Ao longo da análise foi verificado tanto o conteúdo quanto o discurso empregado por ambos os veículos de comunicação.

Este processo pode ser constituído seguindo algumas etapas: unitarizar ou fragmentar os dados, categorizá-los, descrevê-los e, por fim, interpretá-los.

Completado esse ciclo, revelam-se três aspectos básicos de um bom estudo: a comunicação, a aprendizagem e a transformação do espaço. A análise qualitativa é um processo de aprendizagem e no momento em que essa aprendizagem é adquirida, deve-se comunicá-la para possibilitar a transformação ou favorecer o surgimento de novas possibilidades para aqueles que integram a realidade estudada (MORAES, 2005).

Neste trabalho fragmentamos os elementos presentes nos jornais, através da análise documental (uso de imagens, fontes, linguagem), bem como das entrevistas realizadas com os repórteres dos jornais. Buscou-se verificar, a partir da análise dos dados coletados, as fontes das matérias veiculadas e os critérios utilizados para a construção das reportagens, da mesma forma que a identificação das aproximações e as defasagens entre as coberturas dos dois veículos de comunicação.

Ao serem fragmentados e categorizados, os elementos separados para análise já foram submetidos a uma interpretação prévia do pesquisador, pelo simples fato de separá-los em determinados grupos. Todavia, o pesquisador precisa ainda compreender quais os significados desses elementos em meio ao ambiente estudado e de que forma eles influenciam o comportamento das pessoas. Portanto, neste trabalho, a interpretação realizada após a coleta de dados teve grande valia para a compreensão das estratégias acionadas na construção das notícias veiculadas pelos jornais A Hora do Vale e Informativo do Vale ao longo de dez dias, após o acidente aéreo envolvendo a equipe da Chapecoense.

5 ANÁLISE

Este capítulo trata sobre a análise das informações coletadas a partir de 19 exemplares publicados pelos jornais A Hora do Vale e O Informativo do Vale que circularam entre os dias 30 de novembro e 10 de dezembro de 2016. A partir dos dados coletados nestes veículos impressos e de entrevistas realizadas junto aos repórteres que produziram as matérias, foi possível traçar um panorama geral da cobertura feita por esses meios de comunicação, bem como as estratégias discursivas e imagéticas acionadas por cada jornal.

Após análise de todos os jornais coletamos as informações sintetizadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Comparações gerais entre as coberturas jornalísticas.

Tabela de comparações		
	Jornal A Hora do Vale	Jornal O Informativo do Vale
Repórter <i>in loco</i>	Sim	Não
Nº de matérias/notas	7	12
Nº de páginas	8 páginas e meia	6 páginas de matérias e 5 notas de um parágrafo cada
Nº de fotos/imagens	11	15
Nº de fotos produzidas pelo jornal	6	0
Nº de fotos de divulgação	4	15
Nº de fontes	9	7
Nº de capas	3	3
Colunas de opinião	4	4
Charges	0	2
Infográficos	1	1
Editorias envolvidas	Esportes e Geral	Esportes, Geral e País/Exterior

Fonte: Da autora (2017).

Considerando as informações coletadas, observam-se semelhanças e divergências nas coberturas realizadas pelos dois veículos de comunicação. A partir das entrevistas realizadas com os repórteres de ambos os periódicos, verificamos que o jornal O Informativo do Vale não enviou correspondente à cerimônia de despedida das vítimas, enquanto que pelo jornal A Hora do Vale o repórter Rodrigo Martini foi até Chapecó para realizar a cobertura diretamente da Arena Condá. Esses fatos indicam uma diferença significativa no planejamento das coberturas dos dois veículos de comunicação: enquanto o jornal A Hora do Vale acompanhava os desdobramentos da tragédia de perto, em Chapecó, o jornal O Informativo do Vale optou por produzir reportagens à distância, se valendo da curadoria de informações.

No que diz respeito ao número de matérias/notas veiculadas pelos periódicos, é necessário registrar que o jornal A Hora do Vale não possui edição nas segundas-feiras, todavia nos dias 2, 8, 9 e 10 de dezembro de 2016 não fez qualquer menção sobre os desdobramentos do caso. Em contrapartida, o jornal O Informativo do Vale publicou ao menos uma nota sobre o acidente em cada edição, ao longo dos 10 dias analisados, sendo que em alguns exemplares há mais de um registro no mesmo dia. Essa constatação indica uma cobertura regular, na qual o acidente é permanentemente abordado pelo veículo de comunicação. Podemos registrar ainda que apenas o jornal O Informativo do Vale apresenta charges em seus exemplares tematizando o evento, de forma que não assinalamos nenhuma ocorrência dessa natureza no concorrente. Essa apuração indica que no jornal O Informativo do Vale a cobertura em torno do acidente se espraia por editoriais mais largas que no jornal concorrente, chegando inclusive a ocupar uma espacialidade historicamente destinada ao humor.

Identificamos que ambos os jornais produziram infográficos durante a cobertura jornalística. O jornal A Hora do Vale usou esse recurso para explicar ao leitor como seria realizado o traslado dos corpos das vítimas até Chapecó (FIGURA 1). Já O Informativo do Vale mostrou, através de recursos de infografia, o trajeto que seria realizado pela delegação e imprensa até chegarem ao destino final (FIGURA 2). A utilização desse recurso, em ambos os veículos, ajuda o jornal a didatizar ao leitor questões relativas a um dado percurso, repleto de etapas, que na forma de texto poderia tornar-se cansativa e pouco elucidativa.

Figura 1 - Infográfico publicado na edição de 03 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

O infográfico apresentado na Figura 1 exibe um mapa de parte da América do Sul e indica ao leitor o trajeto necessário para o traslado das vítimas, além de explicar os detalhes do cortejo. No mapa estão destacadas as cidades de Medellín, na Colômbia, além de Manaus e Chapecó, no Brasil. No último ponto assinalado, observa-se também a imagem da Arena Condá, onde foram velados os corpos. O infográfico concilia do lado esquerdo imagens e do lado direito nove tópicos explicativos.

Três localizações são destacadas no mapa: o Aeroporto de Guarulhos, de onde partiu o primeiro voo; o Aeroporto de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, onde todos os passageiros embarcaram no avião da LaMia; e, por fim, o Aeroporto de Medellín, na Colômbia, onde a aeronave deveria ter pousado. Há linhas que interligam esses três pontos a fim de indicar a sequência do percurso.

Em relação ao número de páginas, capas, colunas de opinião e editoriais envolvidas nas coberturas jornalísticas, percebe-se uma similaridade nos números. Muito disso se deve ao fato de que ambos os veículos possuem uma sistemática de trabalho e número de colaboradores semelhantes. No que se refere às capas, em termos gerais, todas aquelas publicadas pelo jornal A Hora do Vale apresentaram título, texto de apoio e imagem (FIGURAS 3,4 e 5). No caso de O Informativo do Vale, duas delas apresentaram os mesmos componentes do periódico concorrente (FIGURAS 6 e 8), entretanto uma terceira não dispunha de fotografia (FIGURA 7). Passamos a uma análise geral das capas produzidas pelos periódicos. As imagens serão analisadas em um capítulo subsequente.

Figura 3 - Capa do jornal A Hora do Vale do dia 30 de novembro de 2016



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

Em razão da tragédia ter ocorrido na madrugada do dia 29 de novembro de 2016 e considerando que os jornais já estavam sendo distribuídos, a primeira capa do A Hora do Vale que repercutiu o acidente foi publicada apenas no dia seguinte à tragédia. Ela apresenta ao leitor uma fotografia produzida pelo repórter Rodrigo Martini, legenda, texto de apoio, cartola, citação obtida de uma das fontes entrevistadas e título, com destaque para os verbos “abala” e “gera” que estão grifados, o que é uma estratégia corriqueira nas manchetes do periódico a fim de chamar a atenção do leitor para as ações que serão descritas no corpo do texto.

Figura 4 - Capa do jornal A Hora do Vale do dia 03 de dezembro de 2016



**ASSINANTE
SOLIDÁRIO**

A Hora

Lajeado, fim de semana,
3 e 4 de dezembro de 2016.
Ano 14 - Nº 1733
Avulso: R\$ 3,50
Fundado em julho de 2002
Fechamento da edição: 19h

Compromisso com o Vale do Taquari.



A DESPEDIDA

Os olhos do mundo estarão em Chapecó na manhã deste sábado. O velório coletivo das vítimas do acidente com a delegação da Chapecoense começa às 9h. Mais de cem mil pessoas são esperadas

Páginas 9, 9 e 10

LAJEADO BRILHA

Novo sorteio contempla cinco clientes

Escolha dos vencedores ocorreu na papelaria Cometa. Cada contemplado recebeu R\$ 2 mil. Mais três sorteios serão realizados até o Natal. A campanha distribui R\$ 100 mil em prêmios. **Conexão**

IMPOSTO DE RENDA

Municípios da região perdem R\$ 4,3 mi do IR

Contribuintes deixam de doar parte do imposto a fundos municipais e dinheiro fica nos cofres da União. **Página 12**

DEBATE DO ABORTO

Aborto volta ao debate depois de decisão do STF

Para a corte, aborto até o terceiro mês de gestação não deve ser considerado crime. Decisão abre precedente e gera embate. **Páginas 4 e 5**

TEMPO NO VALE



Fim de semana no Vale:
chuva passageira
Mínima: 18°C - Máxima: 28°C

Associado do Sicredi

Realize seu sonho agora!

*Taxa - A partir de 2,03% ao mês

Veja alguns exemplos:
Valor de R\$ 10.000,00

Parcelas	Valor
12	R\$ 947,33
24	R\$ 530,50
36	R\$ 394,22
48	R\$ 328,01
60	R\$ 289,77
72	R\$ 265,45

Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A segunda capa publicada pelo jornal A Hora do Vale foi veiculada na edição do primeiro fim de semana após a tragédia e chamava a atenção para o velório que ocorreria naquele sábado, dia três de dezembro. Apresenta uma imagem grande, que ocupa metade da página, oriunda de agência de notícias, o que indica falta de produção própria de imagens para aquela edição, título grifado e texto de apoio. A imagem e o texto não deixam claro onde a fotografia foi registrada, o que produz uma defasagem na compreensão do leitor acerca da matéria.

Figura 5 - Capa do jornal A Hora do Vale do dia 06 de dezembro de 2016



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

Considerando que o jornal A Hora do Vale não possui edição nas segundas-feiras, a repercussão do velório das vítimas só foi noticiada por esse periódico na terça-feira, dia seis de dezembro. A chamada na capa não teve a mesma proporção da anterior, sendo destinado um espaço de 12cm x 10cm no canto inferior esquerdo, o que indica que aquele não era mais o tema principal da edição, pois haviam outros assuntos em voga com maior exposição. A chamada trazia uma fotografia produzida pelo repórter Rodrigo Martini, cartola, título totalmente grifado e texto de apoio.

Figura 6 - Capa do jornal O Informativo do Vale do dia 30 de novembro de 2016



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

Assim como ocorreu com o jornal A Hora do Vale, a primeira capa produzida pelo jornal O Informativo do Vale também só pôde ser veiculada um dia após o acidente, o que enfatiza o valor-notícia associado ao caso. O periódico optou por destinar a capa, em sua totalidade, à divulgação do acontecimento. Ela apresenta título, texto de apoio e uma imagem que ocupa toda a página. Conforme entrevista com a repórter Helena Baségio, essa imagem foi produzida pelo setor de arte do jornal, evidenciando uma carência de elementos imagéticos capazes de retratar o acontecimento através de registros feitos *in loco*.

Figura 7 - Capa do jornal O Informativo do Vale do dia 02 de dezembro de 2016



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A segunda capa veiculada pelo O Informativo é datada de dois de dezembro e conta com apenas uma cartola menor, no pé da página, informando a editoria responsável pelo tema (Esportes) e uma chamada para o velório que aconteceria no dia seguinte em Chapecó. Nessa capa os editores optaram por dividir o espaço com outros conteúdos e, pelo tamanho destinado à chamada, podemos perceber que esse é apenas um dos destaques e não o tema de maior importância daquela edição.

Figura 8 - Capa do jornal O Informativo do Vale do dia 05 de dezembro de 2016



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A última capa do jornal O Informativo do Vale sobre o assunto foi veiculada na edição da segunda-feira, dia cinco de dezembro, no qual ocupa dois terços do espaço total da página, demonstrando um enaltecimento se comparado com a capa anterior. Isso se deve em razão dos desdobramentos que ocorreram no final de semana, ou seja, o velório e o enterro das vítimas. A capa apresenta uma imagem grande, proveniente de agência de notícias, legenda, título e texto de apoio, deixando explícita a falta de um repórter do próprio veículo destinado à cobertura em Chapecó.

Ainda em relação à Tabela 1, podemos observar que, em se tratando da produção de imagens, há uma discrepância sobressalente ao compararmos os números do jornal A Hora do Vale com os dados coletados em O Informativo do Vale. O motivo da diferença na quantidade e na origem das fotografias, bem como do número de fontes entrevistadas, está vinculado diretamente ao fato do envio, ou não, do repórter *in loco*. É necessário ressaltar que o jornalista Rodrigo Martini deslocou-se a Chapecó na sexta-feira, dia dois de dezembro, e retornou no sábado, dia três, após a cobertura do velório coletivo. Assim, se analisarmos apenas as matérias publicadas pelos jornais que dizem respeito à cerimônia na qual as vítimas foram veladas, ou seja, aquelas veiculadas na edição de segunda-feira, dia cinco de dezembro, pelo jornal O Informativo do Vale, e na edição de terça-feira, dia seis, pelo jornal A Hora do Vale, teremos o exposto no Quadro 2.

Quadro 2 - Comparações entre a cobertura *in loco* e a cobertura à distância

	Jornal A Hora do Vale	Jornal O Informativo do Vale
Nº de páginas publicadas sobre o tema	2	1
Nº de fontes entrevistadas	4	0
Nº de imagens	4	2
Natureza da imagem	Rodrigo Martini (repórter <i>in loco</i>)	Divulgação/Agência Secom

Fonte: Da autora (2017).

Considerando os dados apresentados no Quadro 2, torna-se tangível a diferença na produção do conteúdo a partir de um correspondente *in loco* em detrimento da produção através da curadoria de informações. Ao longo da entrevista, a repórter Helena Baségio, do jornal O Informativo do Vale, afirmou que essa estratégia foi definida pela editoria, uma vez que a ambiência digital propicia a coleta de informações mesmo distante do local do acontecimento, além de envolver questões de cunho financeiro, o que inviabilizou o envio de um repórter. No caso do jornal A Hora do Vale, o repórter Rodrigo Martini informou à editoria seu interesse em realizar a cobertura em Chapecó, a qual cedeu o carro da empresa e um valor para alimentação e hospedagem. Uma discrepância financeira, aqui, se reflete numa

cobertura dependente de agências de notícias, no caso do jornal O Informativo do Vale, e uma cobertura mais autoral, no caso do jornal A Hora do Vale.

Com base nos aspectos já descritos e a partir das entrevistas realizadas com os repórteres dos dois periódicos, verificaram-se também diferenças no planejamento das coberturas jornalísticas, uma vez que as reportagens veiculadas pelo jornal A Hora do Vale foram produzidas não apenas por repórteres da editoria de esporte, enquanto que no jornal O Informativo do Vale todas as reportagens, incluindo às publicadas na editoria País/Exterior, foram desenvolvidas exclusivamente por repórteres da editoria de esportes, mesmo que por vezes tenham recebido informações de colegas de outras editorias.

Feita uma síntese geral das coberturas jornalísticas analisadas, passo agora a uma análise específica dos elementos que compõem o estudo, como fontes, critérios de noticiabilidade e uso de imagens, tensionada pelo referencial teórico apresentado. Essa análise também é ancorada pelas entrevistas com os repórteres que cobriram o caso aqui citado.

5.1 Análise em relação às fontes

Considerando os dados apresentados no Quadro 1, identificamos que o jornal A Hora do Vale obteve relatos de nove fontes e O Informativo do Vale de sete. Nesta etapa do trabalho classificaremos cada uma das fontes e analisaremos seu papel na construção das notícias veiculadas.

Verificamos que de um total de sete matérias/notas produzidas pelo jornal A Hora do Vale, em apenas três publicações houve a ocorrência de fontes entrevistadas, coincidentemente nos mesmos dias em que o tema foi capa do periódico. As matérias de capa, neste sentido, enfatizam um esforço por uma produção mais autêntica, sinalizando o empenho na produção das notícias em torno do acontecimento e dos principais desdobramentos, como a chegada dos corpos das vítimas e o velório em Chapecó.

No jornal do dia 30 de novembro de 2016, a reportagem ocupou duas páginas centrais do jornal A Hora do Vale e apresentou duas fontes: Lucas Pinna e Arthur Jungken, ambos jogadores de futebol que conheciam algumas das vítimas e que deram seus depoimentos a respeito da tragédia. Os dois atletas podem ser considerados fontes independentes, uma vez que não tinham uma relação direta com as entidades ligadas à tragédia, mas mantinham contato com alguns dos envolvidos, sendo estas definições de Lage (2005). O relato apresentado pelas fontes reforçava o sentimento de luto e tristeza que abateu as famílias e comoveu o mundo, além de aproximar aquelas pessoas à realidade do Vale do Taquari, uma vez que os entrevistados permaneceram um período em Chapecó e retornaram, sendo que atualmente residem na região. Lucas Pinna foi jogador da Chapecoense até setembro de 2016 e Arthur Jungken atuou pela equipe catarinense em 2013. Ambos foram entrevistados no estádio do Clube Esportivo Lajeadense, pelo qual também já atuaram. O local passa a ter um simbolismo, uma vez que foi justamente o gramado de um campo de futebol que fez com que esses atletas tivessem a oportunidade de conhecer e conviver com a maioria das vítimas. Durante a entrevista, Pinna e Jungken relataram o sofrimento ao descobrirem o que havia ocorrido, contaram histórias sobre os amigos que partiram e descreveram os ex-colegas como uma família, afirmando que guardariam para sempre as boas recordações do período em que estiveram em Chapecó.

A segunda reportagem sobre a tragédia ocupou três páginas centrais do jornal A Hora do Vale e foi veiculada na edição do final de semana. Ela apresentava um resumo geral dos últimos acontecimentos envolvendo o caso e antecipava informações relativas ao velório. Nela observamos a incidência de três fontes entrevistadas: Arno Reis, torcedor da Chapecoense; Gincarlo Ziero, ex-advogado do clube; e Ricardo Sander, jornalista enviado pela Rádio Independente. Reis e Ziero podem ser consideradas fontes independentes, porém, o repórter Ricardo Sander foi entrevistado na condição de fonte testemunhal, uma vez que já se encontrava em Chapecó há mais dias. Neste sentido, podemos observar um paradoxo, pois para o Grupo Independente, Sander estava exercendo sua função como jornalista cobrindo o evento, ao passo que para o jornal A Hora do Vale ele tornou-se fonte de informações para a produção de conteúdo próprio. Todos os entrevistados relataram a tristeza e o sofrimento pelo qual a cidade passava. Ziero declarou que não

assistiria à cerimônia, pois seria um momento muito difícil e preferiria guardar outras lembranças do estádio. Reis relatou que sua filha, de apenas sete anos, estava muito abatida com a situação, pois iam juntos a todos os jogos e agora estavam lá para despedir-se de seus ídolos. Já Sander descreveu um pouco da rotina do clube e das famílias após a tragédia, bem como a dos próprios jornalistas que estavam lá.

A cobertura do velório das vítimas foi realizada pelo repórter Rodrigo Martini, em Chapecó. A reportagem produzida após a cerimônia foi veiculada na edição de terça-feira, seis de dezembro, e ocupou duas páginas centrais, retratando os momentos marcantes da despedida das famílias e dos torcedores. Foram entrevistadas as seguintes fontes: Flávia Antunes, torcedora; Jussara Mendes, jornalista; Ricardo Luis Dutra, torcedor; e Renato Padilha, fotógrafo. Todos enquadram-se como fontes testemunhais, por terem sido entrevistadas durante ou após o velório das vítimas. Flávia recordou as vezes em que encontrava os jogadores andando pela cidade e fazendo atividades cotidianas, como ir ao supermercado, e a atenção com que atendiam todos os torcedores. Jussara se emocionou ao falar da perda dos amigos e colegas de profissão. Dutra não quis entrar no estádio, disse que não gostaria de estender ainda mais o sofrimento e ficou ao lado de fora após a entrada dos caixões. Por fim, Padilha lamentou, em especial, a morte do assessor de imprensa da Chapecoense, Cléberson Silva, com quem tinha grande amizade e que também havia falecido na queda do avião.

Em relação à cobertura jornalística feita pelo jornal O Informativo do Vale, foram apresentadas seis fontes, distribuídas entre as reportagens veiculadas nos três primeiros dias subsequentes à tragédia, ou seja, 30 de novembro, primeiro e dois de dezembro de 2016.

A primeira reportagem veiculada pelo jornal O Informativo do Vale ocupa duas páginas e meia do espaço da editoria de Esportes e nela verificamos a presença de três fontes: Edmilson Pilz, amigo de uma das vítimas; Serginho Almeida, técnico dos juniores do Lajeadoense; e Deonelo Baségio, que possuía parentesco com o então treinador da Chapecoense, Caio Júnior. Pilz, que é natural de Venâncio Aires, tinha uma amizade de longa data com o ex-gerente de futebol da Chapecoense, Eduardo Luiz Preuss, vítima do acidente. Conterrâneos, Pilz era treinador da escolinha de

futebol que Preuss frequentava, sendo que até aquele momento mantinham contato e, por isso, ele afirmou estar muito abalado com a perda. Já Serginho disse estar sensibilizado com as homenagens dos torcedores que são apaixonados e fanáticos pelo clube. Almeida atuou pela Chapecoense entre 1999 e 2001, mas afirmou não imaginar o que poderia acontecer com o clube em seguida. Para Baségio, aquele dia iniciou com um susto ao ouvir pelo rádio as primeiras informações. Ele disse ter aguardado por horas notícias melhores, mas elas não vieram. As três fontes se caracterizam como independentes, cada qual com um vínculo específico, mas sem qualquer relação de interesse ou poder com o clube ou com as vítimas.

A reportagem veiculada no dia primeiro de dezembro ocupou uma página inteira da editoria de Esportes e procurou contextualizar a situação do clube após a tragédia. Para tanto, foram usadas as falas do presidente em exercício Ivan Tozzo e do porta-voz do clube, Andrei Copetti, concedidas a partir de uma entrevista coletiva. O presidente Tozzo discorreu sobre a possibilidade de a Chapecoense receber o título de campeã da Copa Sul-Americana como homenagem póstuma às vítimas e sobre os compromissos que a equipe teria nos dias seguintes. Já Copetti falou sobre a realização de um velório coletivo na Arena Condá. Ambas as fontes podem ser consideradas fontes oficiosas, pois falam em nome do clube ou da diretoria.

A terceira reportagem que conta com relatos de alguma fonte jornalística foi publicada no dia dois de dezembro, ocupando também uma página completa da editoria de Esportes, e, assim como na edição do dia anterior, apresenta apenas fontes ligadas ao clube, ou seja, oficiosas. Desta feita, o chefe do departamento de desempenho do clube, Vitor Hugo, afirmando que a Chapecoense não disputaria o último jogo do Campeonato Brasileiro de 2016, e, novamente, o presidente Ivan Tozzo, que repassou maiores informações referentes ao velório das vítimas.

Em termos gerais, o jornal A Hora do Vale apresentou ao leitor visões e posicionamentos de fontes independentes e testemunhais para contextualizar sua narrativa, dando detalhes e fornecendo relatos sentimentais, o que propiciou o aparecimento da emotividade no texto. Neste sentido, é provável que o leitor deste jornal tenha se sentido próximo ao fato e atraído pelas histórias contadas pelas fontes.

Em contrapartida, o jornal O Informativo do Vale apresentou fontes independentes e oficiosas, sendo que essas últimas apareceram no sentido de ratificar informações que estavam sendo prospectadas pela mídia, como a confirmação do velório na Arena Condá e a decisão de não participar da última rodada do Campeonato Brasileiro. Essas informações são úteis para contextualizar o leitor acerca dos desdobramentos do caso, entretanto possuem um caráter mais burocrático, o que não torna a leitura atrativa e pode causar distanciamento do leitor.

5.2 Análise em relação às imagens

Para essa análise foram consideradas as imagens publicadas pelos veículos de comunicação entre os dias 30 de novembro e dez de dezembro de 2016. Dentro desse período, o jornal A Hora do Vale publicou, ao todo, 11 fotografias (FIGURAS 9 a 19), sendo seis produzidas pelo repórter Rodrigo Martini (duas em Lajeado e quatro em Chapecó), cinco oriundas de agências de notícias e uma de arquivo pessoal. Já o jornal O Informativo do Vale divulgou 15 imagens (FIGURAS 20 a 34), sendo 14 delas advindas de agências de comunicação e uma extraída de arquivo pessoal.

Figura 9 - Fotografia da capa de 30 de novembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A Figura 9 foi extraída da capa do jornal A Hora do Vale do dia 30 de novembro de 2016. A fotografia de tamanho 15,5cm x 18cm é uma produção do repórter Rodrigo Martini e retrata a dor de ex-atletas da Chapecoense após a notícia do acidente aéreo. Em primeiro plano está a camisa da Chapecoense e ao fundo, desfocados, encontram-se os jogadores visivelmente abalados.

A legenda junto à imagem diz “vínculo eterno: Arthur (à frente) e Lucas atuaram na equipe catarinense entre 2013 e 2015. Lembram a passagem pelo clube e a amizade com as vítimas do acidente”. Essa combinação entre foto e texto contextualiza o leitor acerca de quem são as pessoas da imagem, explica o vínculo que ambos tiveram com o clube e dá significado a estratégia de aproximação do conteúdo utilizada pelo jornal A Hora do Vale durante a cobertura do acontecimento. A fotografia foi registrada no Clube Esportivo Lajeadense, equipe pela qual os atletas também já atuaram, sendo que esse é outro fator que reforça o sentido de proximidade dado pelo jornal.

Figura 10 - Fotografia produzida para reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A Figura 10 diz respeito a uma das fotografias que ilustram a reportagem sobre a queda do avião da empresa LaMia. Ela está centralizada, dividida entre as duas páginas destinadas à matéria e tem 22cm x 13,5cm de tamanho. Assim como na imagem anterior, ela também foi registrada no Clube Esportivo Lajeadense e retrata a desolação dos entrevistados em razão da perda dos amigos. A escolha de produzir as fotos em um campo de futebol é muito simbólica, uma vez que também foi em um clube do interior que os entrevistados conheceram seu ex-colegas de profissão.

A legenda dessa imagem se assemelha à anterior, reiterando: “Arthur e Lucas jogaram na Chapecoense entre 2013 e 2015. Vínculo com colegas de time é destacado por ambos. Amizade do grupo era o ponto forte da equipe, afirmam”. A semelhança nas frases, indicando que ambos atuaram pela Chapecoense e criaram vínculos lá, ratifica o que a imagem quer representar, ou seja, a tristeza pela perda de amigos e a certeza que não dividirão mais um campo de futebol.

Ainda que conjuntamente pareçam uma fotosequência, as Figuras 9 e 10 podem ser entendidas separadamente e, por isso, são consideradas fotos de leitura unitária.

Figura 11 - Fotografia de divulgação da reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A Figura 11 apresenta outros aspectos da tragédia ao leitor. A imagem de tamanho 10cm x 7,5cm está localizada, em sua totalidade, na página à esquerda e abaixo da fotografia analisada anteriormente. Tal imagem oferece ao leitor um senso de realidade. Mostra o objeto, ou seja, o avião num estado desfigurado, em destroços, além das equipes de resgate e da polícia que iniciava as investigações para determinar as causas da queda. A imagem revela ainda que o local é íngreme e possui vegetação no entorno, o que dificultou a ação dos socorristas. Essa imagem tem como função corroborar o fato noticiado, ou seja, a queda do avião. Se na legenda o jornalista descreve que o “avião caiu a cerca de 30km do aeroporto, equipe encontrou caixa preta ontem”, a imagem tem o poder de congelar no tempo e no espaço tal ação e, ao ser publicada, ratifica as palavras escritas pelo repórter.

Figura 12 - Fotografia de divulgação da matéria de 1º de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A Figura 12 tem como objetivo retratar uma homenagem feita pela direção do Grêmio a Chapecoense. A imagem de 9,5cm x 4,5cm foi publicada em uma matéria da editoria de Esportes e ocupa o canto superior esquerdo da penúltima página do jornal. A fotografia é creditada como de divulgação e apresenta a Arena do Grêmio com iluminação na cor verde, símbolo da Chapecoense.

A legenda da foto diz “direção tricolor presta homenagem a Chapecoense deixando a Arena verde”. Neste sentido, imagem e texto se unem para mostrar ao público os desdobramentos da tragédia. O luto sensibiliza outros clubes, que se deixam contaminar pelas cores de um time rival. O clássico azul do Grêmio, neste

dia específico, perde a sua força simbólica e dá lugar ao verde da Chapecoense que, como o presidente da equipe tricolor afirmou, “mais do que nunca será considerada a cor da esperança”. Essa atitude foi o método que o Grêmio encontrou para se solidarizar à equipe catarinense. Outros clubes, como Atlético Mineiro, Cruzeiro, Internacional e São Paulo, prestaram homenagens, cederam jogadores para reconstrução da equipe e até mesmo arrecadaram doações em prol das famílias das vítimas.

Figura 13 - Fotografia da capa de 03 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A Figura 13 exibe a imagem oriunda da agência RBS, que foi publicada na capa do jornal A Hora do Vale, na edição de sábado, dia em que ocorreu o velório das vítimas na Arena Condá. A fotografia, que retratava um anjo à frente dos caixões, ocupou metade da capa e mostrava aos leitores como eles foram preparados para a cerimônia.

Nesse caso, não houve ocorrência de legenda. Há apenas título e texto de apoio que dizem: “A despedida: os olhos do mundo estarão em Chapecó na manhã deste sábado. O velório coletivo das vítimas do acidente com a delegação da Chapecoense começa às 9h. Mais de cem mil pessoas são esperadas”.

Considerando a legenda como explicação ou contextualização da imagem, entendemos que a Figura 13 ficou incompleta. A fotografia foi registrada ainda na funerária em Medellín, porém essa informação não foi repassada ao leitor.

Essa mesma imagem aparece também nas páginas centrais, em meio à reportagem sobre as homenagens às vítimas. Desta feita há legenda, informando que “familiares dos atletas e da delegação da Chapecoense foram para Medellín. Equipes médicas do clube acompanharam os parentes das vítimas. Pelo menos 50 corpos serão velados na Arena Condá neste sábado”. A transcrição menciona a cidade colombiana na qual os corpos estavam, mas não elucida totalmente a natureza da foto.

Há de se observar ainda que o uso de uma mesma imagem para ilustrar a capa e a reportagem evidencia uma carência de recursos imagéticos capazes de retratar o incidente, fazendo com que o jornal acabe duplicando a imagem de capa no interior da publicação.

Figura 14 - Fotografia da reportagem de 03 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A Figura 14 foi publicada em tamanho grande (37,5cm x 20cm), ocupando metade da página esquerda e um terço da direita. A fotografia retrata pessoas à beira da estrada acompanhando o cortejo fúnebre e balançando lenços brancos em homenagem aos mortos. Os créditos da fotografia estão destinados ao jornalista Giovane Weber, entretanto, durante a entrevista, o repórter Rodrigo Martini esclareceu que foi apenas um equívoco de diagramação e que essa imagem foi obtida junto a uma agência de notícias.

A legenda indica que a homenagem retratada na fotografia foi feita ainda na Colômbia, uma vez que afirma: “colombianos lotaram ruas e prestaram mais homenagens às vítimas da tragédia que impactou o mundo. Quatro aviões com os corpos saíram de Medellín nessa sexta-feira. Na quarta, no horário em que deveria ocorrer o jogo, torcida do Atlético Nacional lotou o estádio. Clube abriu mão do título e pede à Conmebol para sagrar a Chapecoense vencedora da competição”. Essa imagem também tem função de aproximar o leitor e o acontecimento, já que faz uma projeção do que efetivamente ocorreu pelas ruas de Medellín.

Figura 15 - Fotografia do repórter Ricardo Sander na Arena Condá, reportagem de 03 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A fotografia apresentada na Figura 15 tem como objetivo mostrar ao leitor quem é o jornalista Ricardo Sander, entrevistado pela reportagem do jornal A Hora

do Vale, e comprovar que, de fato, o que está descrito no texto condiz com a realidade. A legenda da foto também reforça essa indicação ao afirmar que “Ricardo Sander, jornalista do Grupo Independente, viajou a Chapecó na quarta”, ao passo que, na fotografia, o jornalista se encontra parado dentro do estádio, que já começava a receber a ornamentação para o velório.

Com a publicação desta imagem, o foco do jornal se desloca do evento trágico e passa a dar ênfase à processualidade jornalística em si, ou seja, à forma e às características da cobertura, que neste caso já contava com o repórter de um veículo de comunicação de Lajeado *in loco*. A rotina jornalística e a estratégia de cobertura do jornal ganham destaque nesta matéria em sobreposição ao próprio acidente aéreo e os seus desdobramentos em Chapecó. Neste caso, então, o jornal desenvolve um discurso sobre as próprias rotinas jornalísticas, dando explicações ao leitor em relação à forma da cobertura.

Figura 16 - Fotografia da capa de 06 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A Figura 16 é composta pela imagem que foi impressa em formato pequeno (9,8cm x 6,2cm) na capa do jornal A Hora do Vale do dia seis de dezembro. Produzida pelo repórter Rodrigo Martini, mostra as flores do velório em primeiro plano e a corrente feita pelas famílias das vítimas quando entraram no campo. A fotografia retrata a união das famílias naquele momento e em que a dor estava sendo compartilhada.

A imagem não possui legenda, mas assim como na outra foto de capa analisada, foram incorporados título, texto de apoio e, nesse caso, também uma cartola, com a inscrição “luto no esporte”. A cartola aqui assume, portanto, um duplo lugar: além da sua vocação tradicional de ancorar o título, ela serve como espécie de legenda à imagem.

Figura 17 - Fotografia nº 1 da reportagem de 06 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Um a um, os caixões com os corpos de 50 pessoas, entre dirigentes e jogadores, passavam diante dos familiares sob o som da marcha fúnebre

Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

A Figura 17 apresenta a primeira das fotografias publicadas na reportagem do dia seis de dezembro. A imagem foi produzida pelo repórter Rodrigo Martini, impressa em tamanho 21cm x 14cm, mostra os caixões sendo levados pelos soldados sobre um tapete vermelho. A legenda da foto afirma: “Um a um, os caixões

com os corpos de 50 pessoas, entre dirigentes e jogadores, passavam diante dos familiares sob o som da marcha fúnebre”. Essa é uma informação importante, considerando que a imagem não tem som. Nesse caso, confirma-se a necessidade de uma união entre fotografia e texto para que haja uma compreensão verossímil e completa do leitor acerca do fato noticiado.

Em entrevista, o repórter disse ter se sensibilizado muito naquele momento, principalmente pelo desespero das famílias ao lerem os nomes das vítimas em cada um dos caixões. Foi essa emoção que ele afirma querer repassar ao leitor, com a escolha das fotos que foram publicadas. A imagem, neste sentido, reflete a tristeza e a comoção do momento, mas, para além disso, faz transparecer o estado de espírito do repórter fotográfico quando confrontado, *in loco*, com o acontecimento chamado à cobrir.

Figura 18 - Fotografia nº 2 da reportagem de 06 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

Assim como a imagem anterior, a Figura 18 foi impressa em tamanho 21cm x 14cm e produzida pelo repórter Rodrigo Martini. Nela apresenta-se uma outra perspectiva da cerimônia: a entrada das crianças com as bandeiras de Santa

Catarina e da Chapecoense. A escrita da legenda traduz o que a imagem quis passar: “A esperança da Chape são as crianças e os mais de 10 mil novos sócios em menos de uma semana. Ontem à tarde, Conmebol sagrou clube campeão”. Em meio a tanta tristeza, havia uma mensagem de esperança. Foi a forma que o clube encontrou de dizer que, apesar da dor, era necessário seguir em frente. Naquele momento as crianças que entraram no gramado representavam o futuro do clube e confirmavam que a Chapecoense seguiria em frente.

Figura 19 - Fotografia nº 3 da reportagem de 06 de dezembro de 2016 do jornal A Hora do Vale



Fonte: Jornal A Hora do Vale (2016).

Essa foi a última fotografia publicada pelo jornal A Hora do Vale dentro do período de cobertura analisado nesse trabalho. A imagem também foi produzida pelo repórter Rodrigo Martini e impressa sob tamanho 10cm x 6,5cm. Ela retrata a reação dos torcedores em meio à multidão que enfrentou a chuva para se despedir de seus ídolos. Nos rostos há diferentes expressões: serenidade, desespero, súplica, incredulidade, mas todos estavam ali para homenagear aqueles que partiram. Na legenda uma descrição sucinta, “cerca de 25 mil torcedores alternavam momentos de aplausos, choros e rezas”, mas que representou bem as atitudes daquelas pessoas.

O texto não explica se as pessoas registradas na fotografia frequentavam a Arena Condá ou se torciam a distância, talvez nem sequer tivessem assistido a partidas da Chapecoense. Todavia, estavam ali e se mostravam consternadas. O fato é que a imagem revela o sentimento que envolvia aquelas pessoas. É verdade que a imagem não esclarece os motivos que as levaram até o campo, mas ela tem a finalidade de transportar o leitor até Chapecó, mostrando a ele a tristeza dos que lá estavam.

Finalizada a análise das imagens publicadas pelo jornal A Hora do Vale, passamos para análise das 15 imagens veiculadas pelo jornal O Informativo do Vale.

Figura 20 - Fotografia da capa de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 20 foi publicada pelo jornal O Informativo do Vale no dia seguinte à tragédia e ocupou a capa inteira do periódico. O escudo da Chapecoense em cima de um tecido rasgado dá a impressão de que a fotografia foi registrada em meio aos destroços do avião, porém, durante a entrevista realizada com a repórter Helena Baségio, foi revelado que a imagem é resultado do trabalho do departamento de

criação e arte do veículo de comunicação. Assim, através de um trabalho de “manipulação”, o jornal cria um senso de realidade em torno da imagem, aproximando aquele registro do local da tragédia.

Ainda de acordo com a jornalista, o sentimento de todos era de luto e a sugestão de capa foi aceita unanimemente, pois, segundo ela, retratava o período pelo qual Chapecoense passava, utilizando a cor preta no fundo da imagem como representação semiótica do luto pelas mortes de pessoas ligadas ao clube. Todavia, ainda que esta seja uma prática muito utilizada nas redações de jornais, a produção de imagens por meio de softwares de criação indica uma escassez de recursos imagéticos para ilustração da capa do periódico.

Assim como em outros casos, essa imagem não recebeu legenda, pois o título e o texto de apoio cumpriram a função de contextualizar o tema retratado, evidenciando que, naquele momento, as cores do luto eram verde e branco, uma vez que compunham o emblema da Chapecoense. Entretanto, os anúncios comerciais no canto direito da página poluem a publicação e fazem com que a imagem perca um pouco de sua força e simbolismo. A publicidade, neste caso, inclusive destoa do tema de capa.

Figura 21 - Fotografia nº 1 da reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 21 diz respeito à primeira das fotos apresentadas na reportagem sobre a queda do avião da Chapecoense, publicada pelo jornal O Informativo do Vale no dia seguinte ao acidente. Ela é creditada como de divulgação e, conforme

informações obtidas durante entrevista com a repórter do periódico, ela foi retirada de banco de imagens gratuitas disponíveis na *internet*, o que significa dizer que o jornal, por não ter contato direto com o acontecimento, recorre a banco de dados a fim de oferecer legitimidade imagética a sua narrativa.

A fotografia ocupa metade do espaço da página e apresenta um socorrista revirando os destroços do avião. Na legenda a seguinte descrição: “LUTO: tragédia com avião comercial vitimou 71 pessoas no interior da Colômbia”. O texto explica a origem dos destroços e o motivo pelo qual há um socorrista na imagem, porém a linha de apoio e a legenda acabam sendo redundantes e não apresentam novas informações ao leitor.

A imagem e o texto são vias de duplo sentido. Enquanto que o texto precisa da fotografia para ratificar o que está sendo dito, a imagem necessita do texto para contextualização e entendimento pleno de seu sentido. Ambos devem se complementar ao mostrar o avião em destroços, o local da queda e o socorrista, identificado pelo seu uniforme e equipamentos de segurança, como capacete e luvas. Porém, é necessário afirmar que a qualidade da foto e da impressão, bem como o uso ou não de cor, interferem diretamente no entendimento do leitor, sendo que nesse caso a imagem em preto e branco esconde detalhes importantes da cena, o que pode comprometer a compreensão de quem está consumindo o material. Além disso, a tarja sobreposta à imagem oculta parte da cena, o que também impossibilita a visualização de alguns detalhes.

Figura 22 - Fotografia nº 2 da reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 22 apresenta uma imagem que visa situar o leitor em relação ao local exato onde ocorreu o acidente, seus destroços e a paisagem ao redor, além de indicar uma subida íngreme até o lugar no qual os restos da fuselagem do avião foram encontrados. Não há creditação para o autor da foto, o que deixa o leitor em dúvida em relação à sua origem: se provinda de agências de notícia ou de equipe do próprio jornal.

A legenda traz ao leitor informações sobre as condições que os socorristas encontraram até chegarem às vítimas: “TRAGÉDIA: local de difícil acesso e baixa temperatura dificultou trabalho das equipes de socorro”. Tanto a imagem quanto o texto tentam projetar o leitor para o local do acidente, sendo que elementos textuais explicam as condições do terreno – “de difícil acesso” – e aspectos climatológicos – “baixa temperatura” – aumentam a dramaticidade da cena.

Assim como na imagem anterior, detalhes são encobertos por falhas de impressão e pela ausência de cores. Todavia, considerando que a fotografia foi registrada em um plano mais aberto é possível compreender o cenário da tragédia, uma vez que se identifica o relevo do local, a vegetação e a falta de habitações próximas. Essas informações são importantes ao passo que indicam ao leitor os motivos pelos quais os socorristas demoraram a chegar e, posteriormente, a remover as vítimas.

Figura 23 - Fotografia nº 3 da reportagem de 30 de novembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 23 é oriunda de arquivo pessoal e mostra uma das fontes da reportagem em um encontro com uma das vítimas. Até o momento da tragédia aquele era o registro de uma amizade, o retrato de um sentimento bom. Entretanto, após o acidente ele é coberto por um novo significado, permeado pela tristeza e pela saudade. A legenda da foto parece corroborar essa teoria, pois descreve-os como “PARCEIROS: Edmilson e Cadu (d) em um dos encontros para jogos festivos de fim de ano”.

Essa imagem também tem a finalidade de aproximar o leitor ao fato, pois uma das vítimas era natural de Venâncio Aires e mantinha relações estreitas com amigos e familiares que residem no Vale do Taquari. A fotografia tem a função de mostrar um desses amigos e corroborar as histórias que ele relatou à repórter durante a entrevista. Nesta publicação, fica evidente a utilização do critério de proximidade por parte do jornal O Informativo do Vale, uma vez que a imagem contextualiza a tragédia na região, mostrando como algo distante repercute também aqui e em cidades vizinhas a Lajeado.

Figura 24 - Fotografia da nota publicada em 1º de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 24 foi publicada junto a uma pequena nota no dia primeiro de dezembro, na qual mostrava a emoção do técnico do Grêmio, Renato Portaluppi, ao falar sobre a tragédia em uma coletiva de imprensa concedida no dia anterior. Durante a entrevista, o treinador vestiu a camisa da Chapecoense como forma de homenagear as vítimas. Os créditos da foto são dados ao jornalista *freelancer* Lucas Uebel e não há ocorrência de legenda. O ídolo tricolor, neste momento específico, deixa de lado o escudo da equipe que defende e a rivalidade futebolística, se permitindo vestir a camiseta da Chapecoense a fim de homenagear as vítimas e se solidarizar à equipe catarinense.

Assim como em uma das publicações do jornal A Hora do Vale, o Informativo também teve a preocupação de apresentar ao leitor as homenagens feitas à Chapecoense por outros clubes ou dirigentes, evidenciando que aquele foi um momento em que a rivalidade foi deixada de lado e a solidariedade prevaleceu.

Figura 25 - Fotografia da reportagem de 1º de dezembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

Na Figura 25 temos a imagem de um torcedor solitário, vestido com camisa da Chapecoense, sentado nas arquibancadas do estádio e com o rosto entre as mãos. Metaforicamente temos aqui o retrato do órfão, ou seja, de um torcedor abandonado que perde as referências que tinha em relação a sua paixão futebolística. A imagem é creditada ao fotógrafo Daniel Isaia e foi repassada por uma agência de notícias, ou seja, o jornal acabou buscando recursos imagéticos em outros meios de comunicação por não conseguir suprir uma necessidade própria, considerando que não havia um correspondente em Chapecó.

O texto da legenda explicava o que ocorria no estádio: “TRISTEZA: torcedores seguem fazendo vigília na Arena Condá esperando novas informações”. Essa imagem ocupou metade da página e representou a desolação que o acidente causou nos torcedores. Naquele momento ainda havia muitas incertezas sobre o futuro do clube e aquele homem representava um misto de sentimentos, com a dor da perda e o medo do futuro desconhecido. Além disso, nessa foto a arquibancada tem uma conotação simbólica, pois poucos dias antes ela estava lotada de pessoas que comemoravam a classificação da Chapecoense e naquele momento recebia torcedores entristecidos.

Figura 26 - Fotografia da reportagem de 02 de dezembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 26 apresenta uma imagem impressa em tamanho 26cm x 15cm, publicada no dia 2 de dezembro. Essa fotografia não é contemporânea à tragédia, ou seja, é uma fotografia registrada em uma partida de futebol na qual a torcida exibiu a faixa com a inscrição “Guerreiros”. A conotação dessa foto também mudou após o acidente, pois antes os jogadores eram chamados de guerreiros pelas lutas que travavam dentro de campo a fim de vencer os jogos. Entretanto, eles passaram a ser guerreiros que lutaram por suas vidas depois da queda do avião. Assim, o jornal se apropria de uma imagem do passado para oferecer sentido a um acontecimento presente.

Com exceção da foto oriunda de arquivo pessoal e das imagens publicadas nas capas, essa é a única impressa em cores. Assim como na imagem anterior, os créditos da imagem são concedidos também ao fotógrafo Daniel Isaia e a fotografia foi repassada pela mesma agência de notícias. A legenda antecipa: “VELÓRIO: Arena Condá receberá os corpos das vítimas na manhã deste sábado”. O texto indica o acontecimento que a Arena Condá sediou e a imagem refere-se aos torcedores que sempre prestigiaram o clube, ao passo que a fusão de ambos faz com que o leitor entenda que da mesma forma que a torcida acompanhou seus ídolos durante os jogos, ela se faria presente também para a despedida.

Figura 27 - Fotografia da nota publicada em 03 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A imagem da Figura 27 foi publicada em tamanho pequeno (5cm x 4,5cm) e mostra os caixões ao lado de oficiais do exército, ainda na Colômbia. A fotografia anuncia o início do traslado realizado para que o velório das vítimas ocorresse na Arena Condá. A imagem é creditada como de divulgação e não possui legenda, todavia o texto da nota traduz o significado da fotografia ao explicar que o cortejo passaria pelas principais ruas de Medellín e que, em seguida, os corpos seriam enviados a Chapecó.

A imagem revela a formalidade e o cuidado que os oficiais da Colômbia dispensaram durante o traslado dos corpos até o aeroporto. A tragédia transpôs fronteiras e reforçou laços entre os países.

Figura 28 - Fotografia da capa de 05 de dezembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 28 ocupou meia página da capa do jornal O Informativo do dia 5 de dezembro e mostra um dos caixões sendo carregados pelos soldados do exército em meio às famílias que recebiam os corpos das vítimas para se despedirem. A fotografia foi produzida pelo fotógrafo de uma agência de notícias.

Na legenda a seguinte inscrição: “VELÓRIO: corpos dos jogadores e dirigentes da Chapecoense e integrantes da imprensa foram velados no gramado da Arena Condá, durante dia de intensa chuva, em Chapecó”. A imagem não foi registrada em um ângulo aberto, mas retrata a passagem dos soldados com os caixões em frente às famílias. A fotografia mostra ainda a reação das pessoas ao verem tantos caixões sendo carregados para dentro do estádio: umas viravam-se de costas, outras aplaudiam, algumas assistiam imóveis, parecendo não acreditar, e muitas não continham as lágrimas. Todo esse cenário contribuiu para aumentar a dramaticidade do fato.

O caixão fechado indicava que as famílias não poderiam rever seus entes, de modo que muitas fizeram camisetas com fotos das vítimas a fim de que todos pudessem vê-los simbolicamente.

Figura 29 - Fotografia da reportagem de 05 de dezembro de 2016 do jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

Na Figura 29 temos uma imagem aberta da cerimônia de velório das vítimas. A fotografia foi publicada em meia página do jornal, no caderno de Esportes, e creditada ao mesmo fotógrafo que produziu a foto anterior (capa), vinculado a uma agência de notícias.

No centro do gramado, onde deveria estar ocorrendo uma partida de futebol, haviam bandeiras, flores e fileiras de soldados entre os quais os caixões passavam, até serem entregues às famílias. É possível também observar a grande quantidade de jornalistas aglomerados, esgueirando-se embaixo de guarda-chuvas para registrar o momento. Neste caso, há um processo de ressignificação do campo de futebol, uma vez que os jogadores, de certa forma, se despedem da torcida a partir do lugar que os consagrou.

Fica evidente que é um cenário de tristeza e despedida. A legenda corrobora essa projeção, descrevendo: “Arena Condá: gramado, palco de tantas glórias e alegrias recebeu caixões com os corpos da tragédia”. A inversão de elementos no campo de futebol torna tudo mais carregado de simbolismo: os torcedores estavam na arquibancada e os jogadores no gramado, mas não era uma partida de futebol e ninguém estava comemorando.

Figura 30 - Fotografia da nota publicada em 06 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale

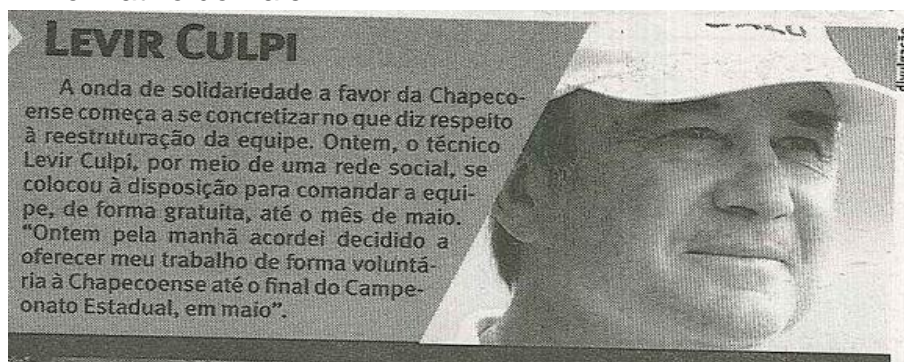


Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A fotografia da Figura 30 foi impressa em tamanho pequeno (5cm x 4,5cm) e acompanha uma nota. A imagem foi creditada como de divulgação e apresentava a equipe da Chapecoense antes da tragédia, perfilada para uma partida de futebol. Dos componentes da foto, apenas um sobreviveu: o zagueiro Neto. A fotografia não possui legenda, mas o texto informa que aquela equipe havia sido declarada pela Conmebol campeã da Copa Sul-Americana de 2016. Essa ação foi uma homenagem póstuma solicitada pela equipe do Atlético Nacional de Medellín, que abriu mão do título em solidariedade a equipe catarinense e como forma de alentar a torcida.

A fotografia acaba sendo eternizada e adquire um caráter histórico por apresentar a equipe titular no último jogo disputado pela Copa Sul-Americana, da qual foi declarada campeã.

Figura 31 - Fotografia da nota publicada em 07 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale

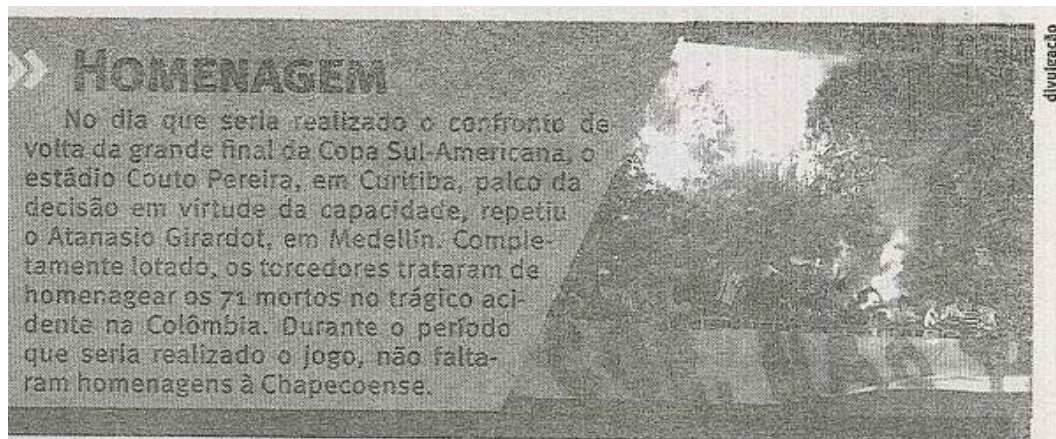


Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A figura 31 diz respeito à fotografia (5cm x 4,5cm) do treinador Levir Culpi que foi publicada ao lado de uma nota no dia 7 de dezembro. Na linguagem jornalística, esse tipo de imagem é chamada de boneco, por apresentar a pessoa que está sendo citada no texto. A imagem mostra ao leitor quem é o treinador que se ofereceu para treinar a Chapecoense, sem custos, pelos meses seguintes. Essa informação consta no texto da nota, uma vez que não há legenda. A fotografia é oriunda de divulgação.

Essa imagem também é atemporal, de modo que se torna improvável tirar constatações corretas a partir do semblante do retratado. A fotografia não foi registrada no dia em que o técnico se colocou à disposição da Chapecoense, sendo retirada aleatoriamente de um banco de imagens. Nesse sentido, Buitoni (2011) afirma que hoje “mais do que reportar o acontecimento da atualidade, as fotos abastecem os bancos de imagens com figurações mais genéricas, sem grandes marcas culturais ou regionais”, o que interfere no sentido bruto da imagem e a transforma em publicidade.

Figura 32 - Fotografia da nota publicada em 08 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 32 apresenta imagem publicada em formato pequeno (5cm x 4,5cm), ao lado de uma nota relativa às homenagens feitas para as vítimas do acidente aéreo. Na noite anterior (07/12/2016) seria realizado o confronto decisivo entre Chapecoense e Atlético Nacional de Medellín. Mesmo com o cancelamento da partida, torcedores foram até o estádio Couto Pereira, em Curitiba, onde aconteceria

o jogo, e prestaram homenagens às famílias e às vítimas. A imagem é de divulgação e não possui legenda.

Por ter sido impressa em preto e branco, a imagem perdeu nitidez, mas é possível identificar a torcida com velas e sinalizadores. Apesar de não identificarmos detalhes na fotografia, é possível compreender a celebração que os torcedores promoveram em memória às vítimas, mesmo que o jogo pelo qual tanto esperaram não tenha ocorrido. Neste sentido, as comemorações em torno do jogo se transformam em homenagem às vítimas. A partida, ainda que cancelada por razões óbvias, mobilizou a torcida. A imagem retrata justamente esse momento organizado pelos torcedores, ou seja, a festa para os campeões.

Figura 33 - Fotografia da nota publicada em 09 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 33, assim como as últimas três, é de uma imagem de 5cm x 4,5cm, que acompanha uma nota. A fotografia é de divulgação e retrata a equipe do Barcelona, da Espanha. Como não há legenda, o sentido da publicação da foto é explicado no texto da nota, uma vez que informa sobre o convite feito pela equipe catalã à Chapecoense para participar de um torneio em agosto de 2017, a ser disputado no Camp Nou, na Catalunha. Essa imagem tem como finalidade apresentar ao leitor a equipe do Barcelona e mostrar que a partir de uma tragédia houve a aproximação de um clube de grande expressão mundial, o que seria uma realidade distante em circunstâncias normais, uma vez que a equipe catarinense não disputava nenhum campeonato que oferecesse condições de aproximar os dois clubes naturalmente.

Figura 34 - Fotografia da nota publicada em 10 de dezembro de 2016 pelo jornal O Informativo do Vale



Fonte: Jornal O Informativo do Vale (2016).

A Figura 34 consiste na última imagem analisada. Publicada em tamanho 5cm x 4,5cm, a fotografia retrata o treinador Wagner Mancini, que no dia anterior havia acertado sua contratação com a Chapecoense. Assim como a foto de Levir Culpi, essa imagem também é um boneco que tem a função de mostrar ao leitor quem de fato é a pessoa mencionada no texto. A fotografia é oriunda de divulgação e não possui legenda.

A imagem de um novo técnico também representa um novo momento, uma nova era. A contratação dele foi o início da reconstrução da Chapecoense. A imagem o mostra em ação, ainda pelo Vitória da Bahia, mas indica que é isso que Mancini deverá fazer no clube catarinense.

Através da análise das imagens foi possível compreender o significado delas na construção da cobertura jornalística dos dois veículos de comunicação. As imagens proporcionaram aos leitores uma aproximação com o acontecimento, mostrando locais, pessoas, momentos e ações. Neste sentido, se os jornais oferecessem somente o texto ao seu leitor, tudo ficaria a cargo da imaginação de cada indivíduo. Portanto, ao fundir texto e imagem, os jornais oferecem ao leitor uma experiência maior e mais próxima do fato.

Todas as fotografias publicadas pelos jornais podem ser caracterizadas como imagens de leitura unitária, ou seja, não necessitam de outras para gerarem significados. A própria composição da foto deve explicar ao leitor a temática retratada.

Durante as entrevistas, os repórteres dos dois periódicos emitiram pensamentos semelhantes em relação às imagens publicadas, uma vez que ambos consideram importante repassar ao leitor o sentimento de luto e tristeza que cobria aquele acontecimento. Tendo sido produzidas pelos jornalistas ou não, o fato é que a representação daqueles momentos foi eternizada a partir da publicação das fotografias pelos jornais e poderá ser revisitada sempre que alguém tiver interesse.

5.3 Análise quanto às estratégias de cobertura

Este capítulo visa discorrer sobre as estratégias usadas pelos jornais A Hora do Vale e O Informativo do Vale ao longo da cobertura jornalística acerca da tragédia envolvendo a equipe da Chapecoense, no que se refere ao trabalho dos repórteres, uso de critérios de noticiabilidade e à comparação em relação a demais aspectos relativos às coberturas.

De acordo com Sodré (2009), para que a notícia tenha aceitação pelo público ela deverá contar com um acontecimento selecionado a partir dos critérios de noticiabilidade ou valor-notícia que perpassam a seleção informativa. Neste contexto, autores como Erbolato (2002) e Fernandes (2014) citam a proximidade como um importante critério de seleção de notícias e, mais do que isso, consideram que esse aspecto pode despertar maior interesse do público quando aquilo que está sendo noticiado diz respeito à sua região ou ao seu cotidiano. Proximidade e interesse, portanto, são diretamente proporcionais.

Nas coberturas jornalísticas de ambos os periódicos é possível identificar a preocupação dos repórteres em aproximar o fato, ainda que ocorrido num lugar distante, à região. Durante a produção das reportagens veiculadas nos dias seguintes à tragédia foram entrevistados amigos, parentes e ex-colegas das vítimas que vivem na região do Vale do Taquari. Essa estratégia retoma o conceito de aproximação, buscando o interesse do público através de um processo de humanização do relato jornalístico. Além disso, valendo-se da estratégia de proximidade, os veículos de comunicação recontam a realidade através de um

formato próprio, organizando os acontecimentos e transformando-os em informação e notícia, considerando as especificidades do tema e as diretrizes editoriais.

Considerando a máxima expressada por Silva M. P. (2014) de que os veículos de comunicação não concedem automaticamente um espaço em suas publicações para informações que compreendem apenas um ou outro critério de noticiabilidade, mas sim àqueles que interligam vários, podemos identificar diversos outros indicadores além da proximidade nas reportagens veiculadas, tais como: a morte, a notoriedade, o inesperado, o escândalo, a hierarquia ou o nível de envolvimento social dos participantes. A tragédia, por si só, é geradora de notícia.

A morte é o critério que pode ser relacionado à cobertura do caso aqui estudado com a maior obviedade dentre todos, tendo, inclusive, sua importância alavancada pelo número de vítimas que o acidente ocasionou: 71. A perda, em grande número, nas circunstâncias da tragédia da Chapecoense, envolvendo uma equipe de atletas jovens em plena ascensão, gera comoção e interesse público.

A notoriedade é expressa aqui pelo número de vítimas e o reconhecimento público que elas possuíam, bem como pela ocorrência de sobreviventes e os desdobramentos de suas recuperações. Além disso, podemos vincular a notoriedade ao fato de que o acontecimento está ligado ao futebol e a uma final de campeonato internacional.

O inesperado também pautou diversas reportagens dos jornais, mostrando a incredulidade das famílias, amigos e torcedores após a tragédia. Além disso, a imprevisibilidade de haver sobreviventes em uma queda de avião e, mais ainda, da recuperação dessas pessoas, gerou mais especulações e muitos outros conteúdos noticiáveis.

O indicador de escândalo se apresentou no momento em que veio à tona a informação sobre a causa da queda da aeronave e, conseqüentemente, a revelação do erro humano, ou seja, a decisão tomada pelo piloto e dono da companhia aérea de não reabastecer o avião, mesmo sabendo que havia possibilidade de não ter combustível suficiente para chegar ao destino final.

O critério de hierarquia ou o nível de envolvimento social dos participantes é explicado quando verificada a profissão da maioria dos envolvidos no acidente aéreo, ou seja, atletas, jornalistas, dirigentes de futebol, e membros de uma comissão técnica. Essa questão foi amplamente trabalhada nas publicações, uma vez que eram pessoas reconhecidas nacional e internacionalmente.

O critério de proximidade também se constata junto às coberturas uma vez que o Jornal A Hora do Vale vai ao encontro do acontecimento, enviando um correspondente à Chapecó, enquanto que o Jornal O Informativo do Vale traz o acontecimento para seu leitor, através da curadoria de informações.

Em relação à cobertura dos desdobramentos do caso, o jornal O Informativo do Vale optou por produzir tudo à distância, a partir de informações coletadas na *internet* e relatos adquiridos através de redes sociais ou por telefone. Em contrapartida, o jornal A Hora do Vale enviou um correspondente a Chapecó para produzir a cobertura *in loco*, principalmente da cerimônia de velório das vítimas. Neste sentido, Berger e Tavares (2009) afirmam que a os desdobramentos podem se dar tanto para o passado quanto para o futuro, o que foi verificado nas coberturas de ambos os jornais, uma vez que, ao mesmo tempo em que noticiavam projeções futuras, também lançavam mão de descobertas realizadas sobre o dia do acidente e momentos anteriores.

A partir das entrevistas indentificamos que a repórter Helena Baségio do Jornal O Informativo do Vale cumpriu o papel de uma espécie de gatekeeper, usando a curadoria de informações como forma de seleção do material a ser trabalhado nas publicações. Dentro desse contexto identificamos também a presença da teoria do Newsmaking, uma vez que a seleção de informações passou, em grande parte, pela rotina produtiva do jornal, o que também foi verificado na cobertura do jornal A Hora do Vale, principalmente em relação à matéria veiculada sobre o velório das vítimas, um vez que o repórter produziu uma quantidade de material que possibilitava reportagens mais extensas e aprofundadas, todavia o espaço destinado foi restrito.

Entendemos que a presença do repórter *in loco* foi responsável pelas diferenças entre as coberturas jornalísticas, gerando disparidades nas reportagens veiculadas sobre o acontecimento. O Informativo do Vale, inegavelmente, manteve uma regularidade maior na cobertura dos desdobramentos, publicando ao menos uma nota em cada edição ao longo dos dez dias analisados, convidando o leitor a acompanhar os desdobramentos da tragédia mesmo após o velório coletivo. Todavia, é um texto mais distante, duro, com muitos dados, informações oficiais e pronunciamentos. O jornal A Hora do Vale, por sua vez, preocupou-se em criar uma ligação entre o leitor e o acontecimento, além de explorar os detalhes em torno do caso. Obviamente isso só foi possível através do trabalho desenvolvido pelo repórter que estava em Chapecó, sendo que o texto possui mais fontes, mais histórias pessoais e mais emotividade, o que prende o leitor e humaniza o discurso, como afirma Alsina (2009, p. 10):

Em princípio, podemos afirmar que a efetividade do discurso jornalístico informativo está em saber fazer chegar a informação, embora sem deixar de lado que também pode fazer crer (persuadir), fazer (manipular) e fazer sentir (emocionar).

Na visão de Lage (2005), a tarefa dos repórteres é coletar, selecionar e processar as informações recolhidas junto às fontes para posteriormente contextualizá-las na reportagem. Todos esses processos foram executados pelos jornalistas dos veículos de comunicação tomados como objetos deste estudo, entretanto o processo de ambos foi distinto. O jornal O Informativo valeu-se de pronunciamentos oficiais e coletivas de imprensa com maior frequência do que o concorrente, uma vez que optou por realizar uma cobertura jornalística baseada na curadoria de informações. Já o jornal A Hora do Vale obteve mais entrevistas exclusivas, principalmente por ter enviado um correspondente a Chapecó. A busca por novas informações e depoimentos que ainda não foram veiculados por outras mídias revela uma profundidade na apuração jornalística, a dedicação do repórter e o comprometimento do jornal com seu leitor.

Podemos também considerar a produção das imagens como importante estratégia jornalística, uma vez que a fotografia, tanto quanto a escrita, tem a capacidade de afetar o curso da história. De acordo com Short (2013), “na fotografia,

o propósito de usar técnicas narrativas é dar sentido, coerência e, quando apropriado, um senso de ritmo a uma imagem ou sequência de imagens”. Neste sentido, todas as fotografias publicadas pelo jornal O Informativo do Vale possuíam significado, entretanto nem sempre estavam interligadas diretamente ao texto, de modo que sugeriam uma interpretação mais ampla. No jornal A Hora do Vale isso também ocorreu, porém com menos frequência, já que muitas fotografias foram produzidas pelo repórter Rodrigo Martini, ou seja, era o olhar dele registrando as fotografias e redigindo o texto, o que gerava sintonia.

A fotografia, manifestação de sentido inscrita em jornais, dotada de uma materialidade marcadamente simbólica, não está ali apenas para ilustrar [...]. A foto torna-se argumento do jornalista, complementando a busca pela veracidade sobre o que ali se escreve, ajudando a comprovar o que foi dito (VAZ, 2006, p. 09-10).

Ao finalizarmos a análise das imagens, percebemos diferenças nas publicações e nas escolhas de cada jornal, principalmente no que diz respeito ao uso de cores nas impressões, uma vez que o jornal A Hora do Vale veiculou todas as fotografias coloridas, enquanto que o jornal O Informativo do Vale publicou a maioria das fotos em preto e branco, com exceção das imagens divulgadas nas capas, uma fotografia de arquivo pessoal e uma imagem veiculada às vésperas do velório coletivo, ou seja, das 15 imagens publicadas pelo jornal, apenas quatro foram impressas em cores. Considerando que coloração normalmente realça os detalhes, por vezes tivemos dificuldade na interpretação das imagens do jornal O Informativo do Vale, principalmente nas Figuras 22 e 32.

Identificamos também a falta de créditos em imagens veiculadas pelo jornal O Informativo, além de uma creditação errônea do jornal A Hora do Vale. Nas edições seguintes aos equívocos não verificamos ocorrência de erratas por parte dos jornais.

As fotografias, as ilustrações e as charges são classificadas como sistemas analógicos dentro da formatação de um jornal – que envolve também o projeto gráfico e o sistema linguístico. Tais imagens podem revelar sentidos ambíguos, porém, de acordo com Lage (2004, p. 07), normalmente os elementos representados nas imagens “fixam e comentam momentos e por isso são unidades semânticas autônomas de grande valor referencial”. Ambos os jornais utilizaram os recursos

imagéticos como forma de complementação, explicação e confirmação do que foi notificado em forma de texto.

Por fim, após análise das matérias identificamos a repetição de alguns termos nos títulos das capas ou das reportagens, como “homenagens”, “dor”, “luto” e “tragédia”. Essas palavras estão revestidas com conotação de tristeza e apelam ao sentimento dos leitores. Dessa forma, os jornais sensibilizam os leitores, mostrando a eles, através de texto e imagens da tragédia, a dor das famílias, as homenagens durante o velório e os dias que se seguiram à queda da aeronave, além do luto dos torcedores.

Assim, a tragédia se materializa também nas páginas dos jornais. É através delas que o leitor é levado ao local do acidente, conhece a história de cada uma das vítimas, experimenta a dor da perda e adentra à narrativa da queda de um avião que interrompe a narrativa em torno de um time de futebol no auge de sua história.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar comparativamente as coberturas jornalísticas realizadas pelo jornal A Hora do Vale e pelo jornal O Informativo do Vale acerca da tragédia envolvendo a equipe da Chapecoense, ocorrida em novembro de 2016. Para tanto, usamos o método qualitativo, visto que não houve intenção de quantificar o trabalho desenvolvido pelos veículos de comunicação, mas sim entender como a cobertura foi executada por eles, bem como identificar possíveis coincidências e defasagens na produção de sentido em torno do caso.

Ao optarmos pela pesquisa qualitativa, definimos também que seria necessário utilizar os métodos exploratório e descritivo, além de coletarmos material a partir da pesquisa bibliográfica e da análise documental. A partir disso, foi possível investigar a operacionalização do processo de humanização dos conteúdos publicados, analisando as narrativas dos dois jornais, as imagens, as fontes e comparar as informações disseminadas por cada um dos veículos de comunicação.

Neste sentido, verificamos que o número de editorias e jornalistas envolvidos na cobertura foi semelhante. Entretanto, as estratégias utilizadas por cada jornal se diferenciaram, assim como a regularidade de publicações sobre os desdobramentos do caso.

A cerimônia de despedida das vítimas foi um momento de grande repercussão do caso e um ponto chave na cobertura de ambos os jornais. Entretanto, em decorrência do jornal A Hora do Vale não contar com edição na segunda-feira, é possível que tenha havido uma defasagem no interesse do público ao veicular a repercussão do velório apenas na terça-feira, uma vez que os leitores já haviam sido informados sobre o fato no dia anterior pelo jornal concorrente, O Informativo do Vale. Todavia, vale ressaltar que para suprimir tal empecilho, o jornal A Hora do Vale apresentou reportagens elaboradas, construídas através da consulta

de várias fontes e pela descrição de detalhes relatados pelo jornalista enviado a Chapecó, Rodrigo Martini.

O distanciamento entre as estratégias jornalísticas ficou evidente na medida em que o jornal O Informativo do Vale não enviou correspondente a Chapecó, optando por uma cobertura que se valeu da curadoria de conteúdo como forma de captar informações. Grande parte das reportagens esteve centrada em pronunciamentos oficiais e declarações dadas por fontes oficiosas, que podem ser influenciadas por interesses profissionais que afetam seus discursos. Em contrapartida, o jornal A Hora do Vale entrevistou moradores de Chapecó, torcedores do clube e ex-jogadores da Chapecoense, o que contribuiu para a construção do acontecimento de forma mais humanizada e contextualizada.

Observou-se fato semelhante em relação às imagens publicadas pelos jornais, uma vez que a cobertura distante do jornal O Informativo do Vale deixou-o carente de recursos imagéticos, tendo que recorrer a bancos de imagens ou à produção de representações gráficas para ilustrar as reportagens. No caso do jornal A Hora do Vale, mais da metade das fotografias veiculadas foram produzidas por repórteres do periódico, o que indica a preocupação da editoria na produção de seu próprio material, o que oferece exclusividade e potencial de diferenciação à cobertura.

Ainda assim foi notório o esforço que ambos os jornais fizeram para aproximar o fato da região através de entrevistas com pessoas ligadas às vítimas e à Chapecoense, ou até mesmo em detalhes, como a matéria produzida dentro do Clube Esportivo Lajeadense, expondo simbolismos que reforçam essa aproximação. Ao relacionar o fato à região, os jornais se valem do valor-notícia intitulado “proximidade” a fim de conectar o seu leitor à tragédia que, embora ocorrida num país distante, ressoou também no Vale do Taquari.

Em relação ao período de cobertura, verificou-se uma regularidade maior por parte do jornal O Informativo do Vale, uma vez que, das dez edições analisadas, em todas houve ao menos uma nota com informações a respeito dos desdobramentos

do acidente aéreo. Já pelo jornal A Hora do Vale houve a ocorrência de matérias em apenas quatro das nove edições analisadas.

Apesar dos distanciamentos, os jornais se assemelharam em alguns quesitos durante a cobertura, como o número de editorias e repórteres envolvidos na produção dos conteúdos divulgados; o número de colunas de opinião escritas a partir da tragédia ocorrida com a Chapecoense; e o número de infográficos publicados para esclarecimento do leitor acerca de rotas e homenagens; além do número de capas que evidenciaram o fato e seus desdobramentos.

Com este estudo buscou-se verificar, comparativamente, como se dá a cobertura jornalística de dois jornais do interior do Rio Grande Sul em relação a um tema noticiado em todo o mundo, considerando as limitações geográficas, financeiras e institucionais. O trabalho poderá servir como indicador aos dois veículos de comunicação supracitados e contribuir com o jornalismo local.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMARAL, Adriana. **Curadoria de informação e conteúdo na web**: uma abordagem cultural. In: ADRIANA, A.; TERRA, C.F.; BERTOCCHI, D.; RAMOS D. O.; CORRÊA, E. S.; FERRAZ, H.; SILVA, T. Curadoria Digital e o campo da comunicação. São Paulo: ECA, 2012.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B.. **Tipologias do acontecimento jornalístico**. VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/buxHX>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

BONI, Paulo César. **A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo**. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/ijkzR>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

BONIN, Jiani Adriana. **Revisitando os bastidores da pesquisa**: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BITTONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e jornalismo**: a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.

CORRÊA, E. S.; BERTOCCHI, D. ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21, 2012, Juiz de Fora. Anais do XXI Encontro Anual da Compós. Disponível em: <encurtador.com.br/FJU06>. Acesso em: 18 jul. 2017.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

FERNANDES, Mario Luiz. **A proximidade como critério de noticiabilidade**. In: SILVA, Gislene (Org). Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo**. Londrina: Revista Discursos Fotográficos, 2008. Disponível em: <encurtador.com.br/fpA48>. Acesso em: 23 mai. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Estudo de caso**: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GUERRA, Josenildo Luiz. **Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia**. In: SILVA, Gislene (Org). Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

HARAZIM, Dorrit. **O instante certo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KARAM, Francisco José. **A ética de lado a lado: fontes de notícias e jornalistas frente a frente**. Porto Alegre: Intexto, 2010, v. 2, n. 23.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Folha de São Paulo. **Manual de redação**. São Paulo: Publifolha, 2001.

MORAES, Roque. **Mergulhos discursivos**: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Daniela Osvald. **Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital”**. In: ADRIANA, A.; TERRA, C.F.; BERTOCCHI, D.; RAMOS D. O.; CORRÊA, E. S.; FERRAZ, H.; SILVA, T. Curadoria Digital e o campo da comunicação. São Paulo: ECA, 2012.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**: questão comunicacional e formas de sociabilidade. Lisboa: Presença, 1997.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011. Disponível em <<http://migre.me/wxKAt>>. Acesso em> 01 mai. 2017

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. In: SILVA, Gislene (Org). Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Marcos Paulo. **Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade**. In: SILVA, Gislene (Org). Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro (1999). **As notícias e seus efeitos**: As teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Lisboa: Universidade Fernando Pessoa. Disponível em , encurtador.com.br/xyzU2. Acesso em: 01 mai. 2017

TAVARES, Frederico de M. B.; VAZ, Paulo B. F. **Fotografia jornalística e mídia impressa**: formas de apreensão. Porto Alegre: Revista FAMECOS, 2005. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/hiJUV>>:. Acesso em: 22 mai. 2017.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **Teorias do jornalismo**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

VAZ, Paulo Bernardo (Org). **Narrativas fotográficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento**. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 1987.

WARD, Mike. **Jornalismo online**. São Paulo: Roca, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999

ANEXOS

ANEXO A - Entrevista com o repórter Rodrigo Martini do jornal A Hora do Vale

- Em que momento você ficou sabendo do acidente e por qual meio?

“Eu fiquei sabendo do acidente no meio da madrugada. Por volta das 5h daquela terça-feira. Eu tenho o costume de acordar cedo e ao pegar o celular na mão, haviam algumas mensagens no WhatsApp. Eram amigos e colegas de trabalho já compartilhando notícias do acidente. Muitas desconfortadas. Mas já deu pra sentir que a tragédia era grande. Desde aquele momento, e durante o dia inteiro, ficamos todos ligados nas notícias que chegavam de Medellín. Foi um dia muito triste. E eu estava muito empolgado, porque no dia seguinte o Grêmio iria decidir a Copa do Brasil, em Porto Alegre. O clima estava bom aqui no sul. Mas tudo mudou depois do acidente”.

- Ao chegar na redação, quais foram suas primeiras ações, bem como do grupo de repórteres, em relação à cobertura?

“Inicialmente procuramos buscar alguma ligação maior entre a tragédia e a região de abrangência do jornal A Hora, o Vale do Taquari. Lembro que eram poucas. Mas é preciso respeitar alguns critérios de noticiabilidade para instigar o leitor. Porque longe do fato, não nos resta outra alternativa para concorrer com as grandes mídias. Recorri, então, ao repórter da editoria de esportes, Ezequiel Neitzke, o Zique, que conhecia bem o elenco do Lajeadense. Descobri que pelo menos dois jogadores daquele grupo do Alvi-Azul tinham jogado, recentemente, pela Chapecoense. Fiz um rápido contato com um deles no início da tarde e, já no fim do dia, estava com duas boas entrevistas e boas fotos, ligando o fato em Medellín com o Vale do Taquari, contando a história de forma mais regional, interlocal. Também verificamos que entre os 71 mortos confirmados pela empresa aérea estava o venâncio-airense, Eduardo Luiz Preuss, o “Cadú”. Ele era o gerente de futebol da Chape, e como atleta se formou nas categorias de base do Guarani de Venâncio Aires, onde também atuou pelo profissional, e se aposentou do futebol atuando como capitão da Chape”.

- Quais as principais mudanças que ocorreram na rotina do jornal após o acontecimento?

“A rotina, propriamente dita, mudou pouco. Mas lembro que o choque foi muito grande. Doeu no coração ver toda aquela tragédia. Além dos atletas, muitos

jornalistas também morreram naquela mata colombiana. Foi terrível. Grandes profissionais, ídolos do jornalismo contemporâneo e também da história do futebol, como Mário Sérgio, campeão do Mundo pelo Grêmio. Mas doeu mais ver que haviam diversos jovens repórteres entre as vítimas. A gente meio que se coloca no lugar deles. A primeira pauta longe do país. Longe da cidade de Chapecó. Aquela ansiedade gostosa, o primeiro voo, aquela vontade e aquela energia de fazer um baita trabalho. E tudo acabou naquele acidente. Jovens e promissoras carreiras do jornalismo e do esporte padeceram naquela montanha. É muito triste”.

- Como foi planejada a cobertura do caso e dos desdobramentos?

“Foi bem de sopetão. Trabalhei normalmente na sexta-feira, dia 2. Não lembro bem quais eram as pautas. Mas enfim, nada a ver com a Chapecoense. Por volta das 18h, quase no fim do expediente (o deadline nas sextas-feiras é 19h), comentávamos, eu, Fernando (diretor de conteúdo do jornal) e outros repórteres, sobre a grandeza da cobertura prevista para o sábado, data da chegada dos corpos e do velório coletivo em Chapecó. Do nada, eu pedi: “quantos quilômetros até lá?” - Uns 350 -, me responderam. Fiz o cálculo, imaginei uma boa janta no caminho e me prontifiquei: “Eu vou”. Como a chegada do presidente e dos corpos estava prevista para às 9h, no pequeno aeroporto de Chapecó, fui até em casa rapidinho, coloquei algumas roupas na mochila, peguei a câmera, gravador, bloco e caneta e parti sozinho com o carro do jornal e recursos financeiros para achar um bom hotel em Chapecó, me alimentar e me manter conectado durante a cobertura”.

- Quantos dias ficaste em Chapecó e como você planejou sua cobertura? Houve um enfoque específico solicitado pela editoria do jornal?

“Eu fiquei menos de 24 horas. Sai de Lajeado por volta das 19h na sexta-feira e cheguei em Chapecó por volta de 1h da manhã de sábado. Peguei um lanche na rua principal da cidade e fui direto para o hotel descansar. Eu saí de Chapecó e voltei para Lajeado por volta das 19h de sábado. Para me planejar melhor, eu contei com auxílio do colega de jornalismo, Ricardo Sander, da Rádio Independente. Ele já estava fazendo alguns dias em Chapecó, fazendo a cobertura da tragédia in loco. E eu precisava de autorização (crachá) para ter acesso ao aeroporto e também para acessar a Arena Condá. Liguei para ele um pouco antes de sair da redação (ainda na sexta) e ele registrou meu nome junto à assessoria da Chapecoense. Em

paralelo, eu encaminhei e-mail para a mesma assessoria e também fiz um registro solicitado pelo clube junto ao site eletrônico da Chape. O enfoque solicitado pela chefia de redação era trazer minha visão sobre aquele fatídico dia que, já de antemão, estava sendo chamado de “O dia mais triste do futebol”. Mesmo que o texto fosse publicado, na íntegra, apenas na terça-feira, dia 6. Também programamos a inclusão de alguns vídeos, fotos e pequenos textos instantâneos no site do Jornal, compartilhados também pelo Facebook”.

- Como foi feita a escolha das fontes das reportagens realizadas aqui e também em Chapecó?

“Aqui foi como eu expliquei anteriormente, falando com o Zique. Já em Chapecó foi tudo meio no improviso. Eu era um repórter em meio a um dia cheio de emoções, contextos, imagens e histórias para contar. Eu fluí de acordo com o dia. Estava em meio a uma cidade, uma população toda em luto. Em meio a centenas de familiares, amigos das vítimas. Em meio a dezenas e dezenas de repórteres do país inteiro e de diversas partes do mundo. O meu negócio ali era narrar todo este contexto. Sob a minha visão, a minha singela e particular compreensão dos fatos”.

- Em relação às imagens, você se recorda do sentimento que queriam transmitir ao leitor? Olhando agora novamente para elas, o que tem vem à cabeça? Qual a sensação?

“Não é uma questão de querer transmitir algo, mas sim de tentar fazer sentir o que aquelas milhares de pessoas sentiam, e também o que o próprio repórter sentia. Tudo isto interligado com informações, digamos, mais burocráticas, como horários, números, enfim. Quando eu vejo as fotos e vídeos que fiz naquele dia, eu, na verdade, penso que deveria ter filmado mais determinado momento, ou fotografado uma imagem mais aberta. Faço críticas ao meu trabalho. Faço isso, também, com os textos. Penso que poderia ter entrevistado mais pessoas ou buscado mais personalidades. Enfim, críticas pontuais ao meu trabalho. As emoções fortes estão mesmo na memória. Não sairá nunca da minha cabeça aquela cena no aeroporto, com a marcha fúnebre tocada pelo exército e BM e aquelas dezenas de caixões passando, um a um, na nossa frente. Foi muito forte. Muito. Um “silêncio” quebrado pelo desespero dos familiares ao lerem os nomes expostos em cada caixão. Foi duro. E estava caindo uma chuva intensa naquela manhã toda. Eu estava todo

molhado desde às 8h (horário da minha chegada ao aeroporto no sábado), todos os repórteres estavam. E ninguém arredava pé daquela pauta”.

- Reparei que algumas fotografias foram produzidas pelo repórter Giovane Weber. Qual foi o papel dele na cobertura?

“Deve ter sido algum erro do diagramador (risos). Ele não participou em momento algum. Naquele final de semana teve matéria publicada, mas não tive participação nela. E ele também não, creio eu”.

- Qual momento você considera o mais marcante durante a cobertura?

“Foi dentro da Arena Condá, com certeza. Tu imagina que um velório tem todo aquele ambiente pesado, triste. Imagina, então, um velório de 50, 60 pessoas dentro de estádio de futebol por onde passaram dezenas de milhares de pessoas chorando durante toda a tarde. Foi muito duro. O desafio é manter o foco na busca por detalhes, cases, contextos. Tentar achar elementos para enriquecer o texto e fazer valer a apuração e a viagem toda. Foi o que eu fiz. Segurar o choro, engolir o choro. E não deixar que aquela emoção toda atrapalhasse o meu trabalho. Vi muitos jornalistas cascudos chorando. Não foi fácil. O clima era terrível. Até certo ponto, não sei se foi justo fazer as famílias passarem por todo aquele momento de homenagens e emoções. Em certos momentos da vida e da morte, o que mais queremos é sossego. Mas enfim. Nossa profissão também tem disto: transmitir o que pode ser desagradável para muitos e emocionante para os outros”.

- Algo mais que considere importante mencionar?

“Acho que é importante salientar que um repórter não pode ter limites. Não pode se impor limites. Territoriais, intelectuais, ou mesmo financeiros. Buscar pautas que fogem do tradicional, que fogem da rotina, é o que há de mais desafiador e gostoso na nossa profissão. Não é porque eu escrevo para um jornal que circula só no Vale do Taquari (impresso, claro) que eu não posso buscar assuntos relevantes de fora. Que eu não posso fazer coberturas nacionais e internacionais. Eu posso sim. Devemos buscar isto. Nosso leitor merece. E se puder fazer isto com algumas ligações interlocais, melhor ainda”.

ANEXO B - Entrevista com a repórter Helena Baségio do jornal O Informativo do Vale

- Em que momento você ficou sabendo do acidente e por qual meio?

“Nós temos o hábito em casa de escutar rádio pela manhã e assim que meu marido levantou, logo ouviu a notícia e veio me avisar. Ele disse, apavorado, “Helena, caiu o avião da Chape”. Eu disse “não, não pode ser”, porque foi um choque muito grande. Aí começam a vir aquelas informações desencontradas e tu te coloca no lugar das famílias. A equipe disputaria o primeiro título internacional, então tudo o que aconteceu foi algo muito forte. Tu te envolve muito. Eu, por exemplo, chorei diversas vezes”.

- Ao chegar à redação, quais foram suas primeiras ações, bem como do grupo de repórteres, em relação à cobertura?

“Quando chegamos já começamos a colocar informações no site d’O Informativo. Fomos reunindo informações e material, começamos a pensar na capa, com uma foto bem significativa. Procuramos também contatos com pessoas da região que tivessem alguma ligação com os envolvidos ou que estivesse em Chapecó. E assim passamos os dias seguintes todos bem envolvidos com essa cobertura, tanto que fizemos pelo menos uma nota a cada dia que passava. Acho que foram uns 15 dias “a fio” assim”.

- Houve mudanças na rotina do jornal após o acontecimento?

“Sim, sim. De repente todo mundo parava na frente da TV pra ver o plantão ou saber o que estava acontecendo naquele momento, inclusive os colegas das outras editorias, sempre querendo ajudar de alguma forma, com informações novas. Praticamente todos acompanharam a cobertura, não se restringiu apenas a editoria de esportes. Foram dias bem corridos, de muito trabalho”.

- Como foi feito o planejamento da cobertura e a seleção das informações para a confecção das reportagens?

“Não tivemos repórter in loco. Optamos por fazer todas as reportagens à distância, pela facilidade de conseguir informações pela Internet e pelas questões financeiras também. Os recursos tecnológicos hoje nos dão esse suporte e contamos com

algumas agências de notícias, com quem já trabalhamos há algum tempo e que temos uma certa confiança. Tem também as redes sociais que nos ajudam muito. Assim conseguimos muitas informações sobre as pessoas, principalmente sobre as vítimas. Reunimos a maior quantidade possível de informação e a partir disso montamos nosso conteúdo, nossa matéria, transformamos no nosso texto. A Internet nos dá essa facilidade. A gente só tinha que ter cuidado com as informações desencontradas. Publicamos apenas aquilo que já tinha sido confirmado”.

- Como foi feita a escolha das fontes entrevistadas para as reportagens?

“Pensamos em localizar pessoas daqui da região que tiveram algum contato com as vítimas ou com o clube. E hoje em dia tem tudo nas redes sociais. Então fizemos uma busca pra ver se encontrávamos amigos que pudéssemos conversar e vimos também que uma das vítimas era natural de Venâncio Aires. Como temos uma colega que também é de lá, já conseguimos alguns contatos e assim foi indo. Aí fizemos um contato por telefone ou até mesmo pela internet e conseguimos os depoimentos, mas foi difícil porque as pessoas estavam muito abaladas, muitos não quiseram falar”.

- Em relação às imagens, você se recorda do sentimento que queriam transmitir ao leitor?

“Logo que começamos a pensar na capa eu disse para meus colegas “precisamos transmitir o sentimento de luto” e a partir disso várias ideias foram surgindo. A primeira capa que fizemos sobre o assunto foi uma imagem única que ocupava a página inteira, toda em preto e o símbolo da Chape no meio. Essa imagem foi criação do nosso departamento gráfico e foi de impacto. Teve também a foto dos caixões enfileirados que me marcou muito, com uma chuva horrorosa caindo, foi muito impactante”.

- Qual momento você considera o mais marcante durante a cobertura?

“Foi tanta coisa. A primeira coisa foi a incerteza. Quando as primeiras informações surgiram, lá daquele fim de mundo, tu só sabia que tinha caído o avião. Então, se aquela falta de informação concreta atingiu a mim que não tinha nada a ver com a história, imagina para os familiares. Eu me coloco muito no lugar das famílias. E outra coisa que me marcou muito foi a chegada dos corpos. Ali foi o fim. Aquelas

peessoas esperando as vítimas, na chuva, não podia estar chovendo mais naquele dia. Foi a cobertura mais trágica que já tive que fazer. Teve também o acidente com o ônibus do Brasil de Pelotas, mas não tem como comparar. Eu chorei muito pela Chape. Nunca vou esquecer aqueles dias”.

- Algo mais que considere importante mencionar?

“Ressaltar que foi um envolvimento total, absorvendo aquela carga emocional intensa, mesmo a distância. E a solidariedade do povo colombiano foi impressionante, não esperava que fossem agir assim. Me apaixonei por eles. Eles deram um exemplo pro mundo”.